



**FACULDADE ESTÁCIO COTIA**

**(Administração de Empresas)**

**CLÉLIA RODRIGUES JUNQUEIRA BINENCASA**

**MARIA CÉLIA SILVA TEIXEIRA**

**O SURGIMENTO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO DE CHIARA LUBICH E DO  
MICROCRÉDITO DE YUNUS MUHAMMAD**

**COTIA-SP**

**2011**



**FACULDADE ESTÁCIO COTIA**

**(Administração de Empresas)**

**CLÉLIA RODRIGUES JUNQUEIRA BINENCASA**

**MARIA CÉLIA SILVA TEIXEIRA**

**O SURGIMENTO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO DE CHIARA LUBICH E DO  
MICROCRÉDITO DE YUNUS MUHAMMAD**

Projeto de Pesquisa apresentado como  
requisito para o Trabalho de Conclusão do Curso de  
Administração de Empresas.

Professor orientador: Pedro Lacchia

**COTIA-SP**

**2011**



**FACULDADES ESTÁCIO COTIA**

**(Administração de Empresas)**

**O SURGIMENTO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO DE CHIARA LUBICH E DO  
MICROCRÉDITO DE YUNUS MUHAMMAD**

**Prof. Pedro Lacchia**

**Banca Examinadora**

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Prof. Pedro Lacchia**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Ms. Joelson Alves do Nascimento**

\_\_\_\_\_  
**Prof. José A. L. Barboza**

**NOTA**

**COTIA -SP**

**2011**

## Dedicatória

A Yunus Muhammad e a Chiara Lubich (in memoriam) pela coragem de desenvolverem projetos em prol dos nossos pobres.

## **Agradecimento**

Agradeço primeiramente a Jesus pela força e fé que colocou em meu coração para que pudesse acreditar que seria capaz de ser a primeira da minha família a se formar numa Universidade. Isso não me faz melhor que ninguém, mas demonstra que não há impossíveis, quando queremos uma vida com condição humana mais digna para a nossa família. O que muitas vezes falta às pessoas é a oportunidade, e graças a Deus pude ter a minha e soube aproveitá-la.

Agradeço muitíssimo aos meus pais que trabalharam muito para que conseguisse ter uma formação escolar de qualidade, aos meus irmãos, amigos e familiares que compreenderam minha ausência em certas ocasiões para que pudesse me dedicar aos estudos.

Agradeço ao meu amado esposo que, com toda a paciência, sempre me incentivou e esteve ao meu lado em todo tempo. Nunca me cobrou por estar estudando; pelo contrário, as cobranças foram para que cada vez mais houvesse dedicação da minha parte, agindo de forma positiva e amorosa compreendendo que os momentos em que poderia dedicar-me a ele e ao meu lar, eu os transferisse para experiências relacionadas à minha formação universitária.

Agradeço aos professores que sempre estiveram dispostos a me ajudarem nos momentos de dificuldades, sendo sempre compreensivos e buscando, de forma correta nas orientações, a melhor solução em cada caso.

Agradeço à empresa em que trabalho, Eurofarma Laboratórios S/A, que me concedeu parte da bolsa de estudos; aos meus colegas de faculdade, principalmente a minha companheira de TCC, Maria Célia Silva Teixeira, a qual me apresentou esses novos pensamentos econômicos, às pessoas intermediárias ligadas à EdC, e àquelas conhecedoras do Banco Grameen, bem como do Banco Kabayan, que nos ajudaram em todos os aspectos para que este projeto fosse concluído.

Clélia Rodrigues Junqueira Binencasa

## **Agradecimento**

Gostaria de aproveitar esse espaço para agradecer a amizade, a solidariedade e a colaboração de muitas pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho. Corro o risco de esquecer alguém, portanto já de modo geral agradeço a todos.

Dirijo-me de modo especial à Faculdade Estácio/Faac, aos colegas e professores, em particular o professor e orientador Pedro Lacchia por ter incentivado, apoiado e divulgado o nosso trabalho. Inclusive ao coordenador do Curso de Administração Jairo Gambogi de Barros Filho (in memoriam).

Aos meus pais, João Leite Teixeira (in memoriam) e Antônia Silva Teixeira, pela força de vontade que colocaram no meu coração. E aos meus irmãos João Leite, Maria Aparecida, Vera Lúcia, Jadiel e Francelino, e aos meus sobrinhos, em especial Francisco Segundo.

À Chiara Lubich (in memoriam), Maria Voce e a todos os membros do Movimento dos Focolares espalhados pelos cinco continentes. E a Gehylda Cavalcanti e Dorival Spatti, responsáveis pela Mariápolis Ginetta.

Agradeço ainda a Maria Conceição Francischinelli, Fernanda Pompermayer, Monica Giongo, Pauline Sebok, Vanessa Furlan, Ignez Bordin, Stella Marinho, pelo material, apoio e correção deste trabalho.

Um agradecimento particular a Teresa Ganzon (presidente do Banco Kabayan), Breno Valentini, Lícia Paglione ao professor Joelson Nascimento pelos materiais concedidos.

Por fim, agradeço o apoio e a disponibilidade do Centro de Estudos Filadélfia.

Maria Célia Silva Teixeira

## Epígrafe

“Eu notei a diferença que existe entre ricos e pobres. É sempre assim, os pobres são esmagados, um rico morto equivale a 100 pobres.

Mas isto está errado, somos todos iguais no mundo.

Eu acho que temos que ser como as flores, que absorvem da terra somente aquela gota de água necessária. Se ela está plantada no lago não precisa absorver toda a água.

Temos que conservar apenas o que serve, o resto deve ser colocado em comum.”

Chiara Lubich

## Resumo

A linguagem mundial falada atualmente no âmbito econômico dá ênfase à globalização, à sustentabilidade, ao crescimento socioeconômico, à qualidade de vida entre tantas outras possibilidades, demonstrando ao mundo o que tem sido feito para que as pessoas tenham uma vida mais digna no sistema capitalista. Porém, a filosofia econômica pregada não favorece estes desafios, porque as diferenças sociais entre ricos e pobres é acentuada. Mesmo no século XXI, a pobreza tem sido um fator social preocupante para governos, instituições sociais e a própria população em si, a qual muitas vezes se incomoda com a pobreza em massa, mas pouco faz para que sua erradicação seja efetivada.

Contudo em meio a esta situação, surgem nesta economia contemporânea pessoas sensíveis à erradicação da pobreza tentando alcançar o mundo inteiro, oferecendo aos menos privilegiados uma nova oportunidade, uma vida mais digna e justa em meio ao capitalismo selvagem em que a economia mundial se encontra. Dentre tais pessoas citamos Chiara Lubich e o Projeto de Economia de Comunhão na Liberdade (Brasil-1991), Yunus Muhammad e o Microcrédito para os pobres (Banco Grameen-Bangladesh-1976), bem como estes dois pensamentos juntos resultaram numa experiência concreta, visualizada na vivência do Banco Kabayan situado nas Filipinas (Ásia).

Palavras-chave: Economia de Comunhão, Banco Grameen, Banco Kabayan.

## **Abstract**

The language currently spoken in the world has been emphasized in the economic field about globalization, sustainability, socio-economic growth, quality of life, among many other terms. All of that shows the world that a little has been done for people may have a better life to survive in the capitalist system. Nevertheless the economic philosophy preached is not favourable for these challenges because the gap between rich and poor is still very large. Even in the twenty-first century, poverty has been the major social concern to government, social institutions and the population itself, which often bother with mass poverty, but they have done very little for absolute eradication of it.

Yet, in this situation, sensitive people have come out in the contemporary economy aiming the eradication of poverty. They wish to reach the entire world, providing a new chance to those do not have financial condition for survival. Consequently, poor people will have a more dignified and fair life in the midst of the savage capitalism in the currently world economy. Among such people we quote Chiara Lubich and the Economy of Communion Project on Freedom (Brazil-1991), Yunus Muhammad and the Microcredit for the Poor (Grameen Bank - Bangladesh-1976) as well as these two thoughts together resulted in a concrete experience viewed by the experience of Kabayan Bank located in the Philippines (Asia).

Key words: Economy of Communion, Grameen Banks, Bank Kabayan.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1-Economia de Comunhão na Liberdade e sua história (EdC)..</b>	<b>13</b>
1.1 A família Lubich.....	14
1.1.1 A crise norte-americana afeta a família Lubich.....	15
1.1.2 Uma moça chamada Chiara Lubich.....	15
1.2 O nascimento do Movimento dos Focolares.....	16
1.3 A raiz do Projeto da EdC.....	18
1.3.1 O Movimento dos Focolares alcança as terras brasileiras.....	20
1.4 A Economia e o Projeto da EdC.....	20
1.4.1 Revolução Industrial.....	23
1.4.2 A EdC no Brasil e o pensamento frente às diversas crises mundiais....	26
1.4.2.1 Crise de 1970.....	26
1.4.2.2 Crise de 1980- A chamada década perdida para o Brasil.....	28
1.4.2.3 Crise de 1990.....	29
1.5 A Inspiração do Projeto da EdC.....	31
1.5.1 O Brasil como berço da EdC.....	31
1.5.2 A EdC como proposta de uma economia para as empresas privadas. Algumas realidades já em desenvolvimento.....	33
1.5.3 O Polo Spartaco.....	34
1.5.4 Como deve ser uma empresa da EdC.....	35
1.6 Como é realizada a distribuição do que foi arrecadado e quem são os beneficiários da EdC .....	36
1.6.1 O Relatório anual da EdC – 2009/2010.....	38
1.7 Os conceitos da EdC chegam à fase adulta (20 anos de história).....	38
<b>Capítulo 2-O Microcrédito de Yunus Muhammad – Bangladesh.....</b>	<b>41</b>
2.1 Um país chamado Bangladesh.....	41

2.2 A pessoa de Yunus Muhammad – O idealizador do microcrédito bancário.....	44
2.3 O nascimento do Microcrédito.....	46
2.4 O conceito de Microcrédito.....	48
2.5 Banco Grameen (O Banco dos Pobres).....	49
2.6 Bangladesh pós-Banco Grameen.....	57
2.7 O Banco Grameen abre suas portas os universitários.....	61
2.8 Yunus e Prêmio Nobel da Paz - 2006 .....	64
<b>Caítulo 3- EdC e Microcrédito caminham juntos-Banco Kabayan.....</b>	<b>65</b>
3.1 Kabayan e sua ampliação no Mercado.....	65
3.2 Kabayan aderindo à EdC e ao Microcrédito.....	66
3.3 Uma análise comparativa entre o Microcrédito e a EdC.....	68
4. Conclusão.....	69
5. Referência Bibliografia.....	71
Anexo 1 Entrevista de Luigino Bruni à Revista Cidade Nova.....	73
Anexo 2 Conferência de Teresa Ganzon-Fortaleza, CE.....	78
Anexo 3 Entrevista de Breno Valentini-Jornal de Piracicaba-SP.....	85
Anexo 4 Gráficos demonstrativos da EdC no mundo.....	91
Anexo 5 Os Polos da EdC no Mundo.....	92
Anexo 6 Fotos de Chiara Lubich e Polo Spartaco.....	93
Anexo 7 Fotos do Banco Kabayan.....	96
Anexo 8 Fotos de Yunus Muhammad.....	97
Anexo 9 Fotos de Breno Valentini em Bangladesh.....	98

## Introdução

Já há algum tempo, desde o surgimento da globalização que ouve-se falar de sustentabilidade e responsabilidade social, entre tantos outros aspectos relacionados à economia, ao desenvolvimento e ao crescimento das nações.

É notório como a economia tem passado por uma aceleração bastante positiva; mas grande parte da população ainda não consegue colher os frutos deste desenvolvimento econômico. Ainda há muita pobreza no mundo mesmo com tantos projetos governamentais e políticas de melhoria de vida. A humanidade convive com alto índice de miséria, principalmente nos países em desenvolvimento econômico.

A questão social de uma nação está totalmente ligada à sua economia, à forma de distribuição de renda, ao custo de vida, etc. Atualmente há acúmulo de riqueza nas mãos de poucas pessoas, entrando em contraste com muitas outras que não têm nem mesmo o básico para a sobrevivência. Algumas destas pessoas até gostariam de mudar de vida e se tornarem donas do seu próprio negócio para se manterem economicamente, porém a independência financeira é muito difícil de ser conquistada. A força de vontade é um dos fatores contribuintes para a realização deste objetivo; mas é preciso, em diversos casos, ocorrer um incentivo para conseguirem se desenvolver economicamente.

Em certos países, as pessoas pobres as que estão abaixo da linha da pobreza não possuem nenhum tipo de credibilidade, possibilidade ou ajuda por parte do governo para obterem a independência financeira. Porém em meio à selva de pedra que o mundo vive e ao sistema capitalista tão devorador, surgem algumas instituições e ou projetos não governamentais que se sensibilizam e se empenham na promoção de uma condição de vida mais digna para as pessoas.

Este é o caso da EdC (Economia de Comunhão na Liberdade), nascida no coração de sua fundadora Chiara Lubich, ainda na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, e depois concretizada no ano de 1991, numa de suas visitas aqui no Brasil. A EdC tem como objetivo destinar uma das partes do lucro das empresas às pessoas de maior necessidade econômica, a segunda parte faz valer a manutenção e o crescimento da empresa que oferece a partilha do lucro, conseqüentemente como terceira parte a geração de uma nova cultura dos

indivíduos, caracterizados por uma personalidade de fraternidade e solidariedade, sendo esse chamados pela EdC de “Homens Novos”.

A EdC conquistou muitos parceiros para tal realização, contando com empresários que abraçaram o projeto. Tal assunto será abordado de forma mais ampla no decorrer do estudo, demonstrando ainda a atuação da EdC no país das Filipinas por meio do Banco Kabayan, bem como sua influência em algumas empresas brasileiras.

Outro assunto abordado será sobre o Banco Grameen, fundado por Yunus Muhammad, em Bangladesch, no ano de 1983. Ele objetiva acabar com a pobreza, através do projeto de microcrédito bancário para pessoas muito pobres. Este projeto foi criado por ele mesmo, determinando que milhões de famílias pudessem ter uma qualidade de vida econômica mais digna, sem que o Banco perca sua identidade financeira.

Tanto o projeto de Chiara Lubich quanto o de Yunus Muhammad nasceram de vivências diferentes, mas visam ao mesmo objetivo: prover às pessoas o acesso a uma vida mais digna, para que estes se sintam parte do crescimento econômico no meio em que vivem. Ou seja, oferecer oportunidade financeira para que possam no futuro caminhar com seus próprios pés.

Até o presente momento e observando as muitas ideias surgidas ao longo de muitas décadas, esta seria a forma mais digna de acabar com a pobreza. Também através do estudo que será apresentado, será possível observar que esta realidade tem-se tornado mais próxima do que se imagina. É preciso que o mundo como um todo seja conscientizado do que está ocorrendo na economia mundial por meio de pessoas que não olham apenas para si mesmas, mas que veem o próximo (ser humano) como parte importante no meio em que vive.

Para matar a fome não basta dar o peixe, é preciso ensinar a pescar, acompanhar a pesca e comer junto comemorando a vitória da pescaria. (Bruni 2008) O lema é: oferecer condições para que uma pessoa possa se tornar um multiplicador de ação conjunta de melhoria de vida, formando a partir de sua própria vivência uma rede de efeitos positivos econômicos e sociais, alcançando uma comunidade, um bairro, uma cidade e até mesmo uma nação.

## Capítulo 1 – EdC e sua história

O sonho de transformar o mundo, mudando principalmente as estruturas injustas, ocupou a cabeça de filósofos, políticos e místicos. Não obstante um sonho utópico, encontramos pessoas no mundo que não se preocupam apenas consigo mesmos, mas desejam fazer algo pela realidade a sua volta. Há muitos que recebem a vida, seja ela qual for, como sendo uma dádiva para fazer a diferença no meio onde vivem, transformando tudo ao seu redor, alcançando até uma geração inteira. Há teóricos que formularam uma teoria, buscando introduzir a dádiva como categoria econômica, por exemplo, o francês Marcel Mauss (1974). Segundo Kelen Leite em sua obra “Economia de Comunhão” (2007) esta maneira de transformar é relatada de forma genuína, simples e direta, considerando a importância de algumas pessoas que fizeram e ainda fazem a diferença, incluindo o Projeto de Economia de Comunhão na Liberdade que será um dos objetos de estudo deste trabalho. Para se falar sobre a EdC é preciso conhecer a história de vida de sua fundadora Chiara Lubich e o nascimento do Movimento dos Focolares.

Há diversas outras propostas de desenvolvimento econômico mais próximos ou mais distantes da proposta da EdC, como a ideia do gerenciamento comum de recursos propostos pelo Prêmio Nobel de Economia em 2009, Elinor Ostrom (1990); as diversas propostas de economias de partilha (*Economy of Sharing*), e a proposta do Banco de Microcrédito de Yunus Muhammad.

Tais propostas vêm ao encontro de uma necessidade preeminente da civilização humana por causa da globalização, das sucessivas crises econômicas e do sofrimento e desconfortos que causam os modelos, fundados apenas com preocupação econômica, sem olhar para o ser humano, protagonista principal da estrutura econômica.

## 1.1 - A família Lubich

O casal Luigi e Luigia Lubich conheceu-se na gráfica do jornal italiano *// Popolo* na década de 1910. O jornal tinha como função ser o porta-voz socialista na cidade de Trento, no norte da Itália. Nessa mesma época o rapaz já demonstrava sua afeição pelo socialismo; porém Luigi foi convocado para a Primeira Guerra Mundial no ano de 1914. Ferido em batalha no segundo ano de guerra, retornou para casa e decidiu se casar com Luigia, no dia 15 de agosto de 1916.

Desta união nasceram quatro filhos, sendo um homem e três mulheres, entre elas Sílvia Lubich, que posteriormente adotou o nome de Chiara, sendo conhecida mundialmente como a fundadora do Movimento dos Focolares e idealizadora do Projeto de Economia de Comunhão na Liberdade, assuntos que serão aprofundados no decorrer desse trabalho.

Luigia era uma católica assídua e enquanto se dedicava à família, o esposo mantinha um estabelecimento próprio onde atuava na venda de vinhos, após sair da gráfica por conta do fechamento do jornal.

Conforme já citado acima, antes de se casar, Luigi Lubich trabalhava à noite num influente jornal italiano. Como morava nos arredores da cidade, precisou alugar um quarto em Trento. A ocupação do quarto era somente durante o dia, porque para aumentar os ganhos o proprietário propôs a Luigi que dividisse o espaço para outra pessoa ocupá-lo à noite. Mais tarde veio, a saber, que era Benito Mussolini, escritor do mesmo jornal, *// Popolo*, futuro ditador da Itália sob o título de *// Duce*.

Os dois jovens acabaram por manter uma pequena amizade resultante da admiração ao socialismo. A cidade de Trento ainda era governada pela Áustria e a um certo momento Luigi soube que a polícia estava à procura de Mussolini, conseguiu avisar seu colega de quarto que conseguiu fugir antes de ser preso.

Porém, tal amizade acabou quando, anos depois, Mussolini fundou o Partido Fascista, conseqüentemente obteve o comando do governo e passou a perseguir os socialistas. Os dois perderam totalmente o contato já que Luigi passou a ter aversão ao governo fascista. Luigi deixava claro não querer fazer parte daquele tipo de governo por conta dos princípios que defendia.

### **1.1.1 – A crise norte-americana afeta a família Lubich**

Não se poderia deixar de citar a crise de 1929 ocorrida nos Estados Unidos da América, uma vez que esta acabou afetando a economia mundial de forma devastadora. A queda da Bolsa de Nova York provocou uma mudança radical na vida da sociedade, teve repercussões mundiais, abalando de forma drástica milhares de famílias italianas, bem como a família Lubich. O pequeno negócio de vinhos faliu e Luigi se viu em dificuldade para manter a família, já que o desemprego tomara conta da população. Nesse período o governo fascista atuava de forma leviana para conquistar adeptos, oferecendo auxílio desde que as pessoas se integrassem ao fascismo. Era uma troca de favores que Luigi não aprovava. Fora aconselhado por muitos conhecidos para pedir ajuda a Mussolini por conta da amizade anterior que tiveram, mas negou-se principalmente porque não abria mão dos seus princípios ligados ao socialismo. A recusa era tanta que ele se propunha passar fome, ao invés de pedir ajuda aos fascistas.

Mesmo diante das dificuldades, a família Lubich primava pelo amor e respeito fraternal dentro do lar e os pais fizeram o máximo para que os filhos continuassem estudando.

### **1.1.2 – Uma moça chamada Chiara Lubich**

A obra de Kelen (2007) bem como a do escritor Jim Gallagher (Chiara Lubich: Uma mulher e sua obra 1998) ressaltam sobre a importância da segunda filha do casal Lubich. Nascida no dia 22 de janeiro de 1920, Chiara fora batizada como Sílvia. Uma criança meiga e serena que foi crescendo em inteligência e carisma, sempre obediente aos pais, Sílvia compreendia o que a família passava por consequência da guerra, e da crise mundial que abalara todo o mundo, inclusive o comércio do pai.

O destaque na escola era tanto, que ela aos 13 anos de idade já dava aula particular aos colegas de escola. Isso para ajudar na renda da família, mas também porque gostava de ajudar as pessoas. O domínio fascista era claro, inclusive nas escolas.

Como a mãe era católica praticante, Sílvia sempre teve um contato com os princípios cristãos. O fascismo respeitava a Igreja, mas não considerava a religião, e o pai Luigi deixava bem claro sua posição antifascista.

## **1.2 - O nascimento do Movimento dos Focolares**

Sílvia Lubich era admirada por todos os que com ela viviam por conta de sua maneira de ser, sempre disposta a ajudar as pessoas, independente da condição por que passava. Admirada por todos pela maneira de viver e tratar as pessoas, a moça chamava atenção de alguns homens, mas como seu coração estava em outra direção de vida, estes fizeram de Sílvia uma mãe espiritual. Era pequena em estatura, mas grande de alma e força para viver.

Após uma tentativa de ingresso gratuitamente na Universidade Católica de Milão para conhecer Deus “a verdade”, Chiara enfrentou a decepção de não ser aprovada. Assim mesmo não desistiu de se formar, indo cursar filosofia na Universidade de Veneza. Não conseguiu concluir o curso devido aos problemas da guerra que afetaram toda a região. Continuava estudando em casa e mesmo com o ensino universitário incompleto, conquistou o diploma de professora registrada no ensino público de Trento, quando tinha apenas 19 anos.

Aos 20 anos, foi lecionar numa escola de frades, na mesma cidade em que nascera. Três anos depois, foi convidada a fazer parte da Ordem Franciscana, bem como outras jovens de sua idade.

Sílvia fazia parte da Ordem Terceira Franciscana e assim conheceu profundamente a história de Santa Clara de Assis. Essa experiência, que compreendia também a escolha de um novo nome, levou-a a trocar o “Sílvia” por Chiara (em português, Clara).

Ela sentia algo diferente mover seu coração e depois de tantas experiências decidiu consagrar sua vida a Deus, disposta a abrir mão de tudo. Iria se privar dos sonhos que uma jovem da sua idade poderia buscar (casamento, filhos, estudo, emprego, diversão, etc.).

Isso era tão forte em Chiara Lubich que acabou fascinando algumas amigas que com ela conviviam, muitas das quais fizeram a mesma escolha de vida espiritual.

A busca em cumprir seu ideal não era apenas uma realização pessoal de fé, mas também atuar como uma cidadã num mundo que passava por diversos problemas. O que queria na verdade era cumprir um ideal em meio à guerra, à fome e à destruição. Queria encontrar uma nova esperança, uma nova vida, o renascimento numa unidade de amor, fé e ideias que pudessem ajudar uns aos outros tendo como base de tudo o amor evangélico.

Chiara desenvolvia um trabalho educativo na região de Trento mesmo em meio ao governo fascista. No dia 3 de setembro de 1939 foi declarada a Segunda Guerra Mundial pela França e Inglaterra contra a Alemanha. Nesse período Benito Mussolini comandava a Itália a pedido do rei, mas se manteve neutro. Infelizmente Trento sofria com os ataques tanto de um lado do país quanto de outro, por conta da localização de fronteiras entre esses países.

Chiara e suas amigas questionavam a todo instante o porquê daquela situação, encontravam-se todos os dias para conversarem já que tinham escolhido o mesmo ideal de vida.

Os moradores viviam atemorizados; cada vez que soava a sirene era um sinal de ataque bélico. Nesse momento, as pessoas corriam desesperadamente para se refugiarem nos abrigos antiaéreos. Os bombardeios aéreos eram constantes, mas foi em 13 de maio de 1944 que tudo mudou completamente em sua vida. A família estava refugiada numa pequena colina e de lá viram a casa destruída. Aquela noite foi de muito choro para ela. Naquele instante, decidiu que não iria partir para outro lugar com seus pais como muitas famílias estavam fazendo, abandonando a cidade.

Os Lubich voltaram a casa para retirar o que sobrara e este dia foi definitivo para confirmar sua personalidade determinada. Com a permissão do pai, Chiara ficou em Trento, enquanto o restante de sua família partiu para uma região montanhosa em busca de abrigo. Dirigindo-se sozinha ao centro da cidade para procurar as moças que a seguiam, encontrou a cidade destruída, repleta de escombros e uma mãe enlouquecida pela morte de seus quatro filhos. Decidiu nessa hora abraçar a dor da humanidade. Não estava só, o grupo de amigas tomou a

mesma decisão que ela; juntas queriam ajudar aqueles que ficaram em Trento mesmo correndo perigo de morte durante os ataques da guerra. A desolação era total e muito precisava ser feito por aquelas pessoas. Havia gente com todo o tipo de dificuldade, desde a falta de alimentos até roupas e remédios.

Chiara e suas amigas separavam o que não usavam para dispor para os que necessitavam. Em certos casos, doavam o bem maior daquele momento para alguém que nada tinha. Uma situação foi dar o único alimento que tinham para alguém mais faminto que elas, acreditando que a Providência Divina iria se manifestar, mesmo não sabendo de onde, e isso acabava acontecendo.

A notícia se espalhou pelos conhecidos que também começaram a agir como Chiara e suas companheiras. Doavam o que tinham a mais às outras pessoas. A ajuda era constante e Chiara precisou armazenar tudo em sua casa. O que recebiam parecia ser mais do que aquilo que doavam. As moças moviam a cidade de forma extraordinária. A pequena casa onde viviam foi chamada pelos outros de focolare (em português, o calor do lar, lareira). O termo foi usado, pois a ação que faziam era como se fosse uma lareira incendiada que aquece o lar, pela união do fogo e da madeira. De forma simbólica, significava que Chiara e suas amigas faziam com que os outros experimentassem o calor de um lar, o fogo do amor. Incendiavam o coração das pessoas. Quando alguém não batia à porta, elas iam atrás à procura de alguém que precisasse de ajuda.

### **1.3 – A raiz do Projeto da EdC**

Em meio àquela situação de destruição, Chiara e suas amigas tentavam ajudar as pessoas que não haviam saído de Trento para se refugiar. As moças foram autorizadas pelos pais a deixarem suas casas e ficarem na cidade. Juntas buscavam o mesmo objetivo, dar auxílio a toda e qualquer pessoa que encontrassem.

Chiara atravessou momentos de incompreensão com essas ações que fazia na cidade, mas, na mente dela e das amigas, o intuito era simplesmente ajudar ao próximo atuando o que aprendiam com o Evangelho. O trabalho que faziam era confundido com o Comunismo, pois falavam de “unidade”, uma expressão que até então só os comunistas usavam. Chiara era admirada por estes e também ela

admirava o ideal que buscavam, mas não concordava com a maneira com que queriam realizar essa comunhão. Enquanto eles agiam de forma violenta e agressiva, Chiara ia por outro caminho; fazia tudo na paz e no amor do Evangelho. E essas ações deram origem a um movimento chamado de Movimento dos Focolares.

Chiara que nunca saíra de Trento, passou a ser convidada para falar da sua experiência em outras regiões da Itália. O Movimento foi aprovado pela Igreja Católica em Trento, e mais tarde pelo Vaticano, após anos de estudo. Os focolares foram considerados, dentro do Movimento, o cerne para colocar em prática todos os objetivos propostos por Chiara, que abraçou uma regra de ouro: "O que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles" (Bíblia Sagrada – Mateus – 7:12).

O Movimento conta com adeptos de diversas raças, crenças e culturas, que se engajam na construção de um mundo mais unido, mais justo e fraterno. Tem por fundamento o Evangelho e os valores universais que contêm e que podem ser compartilhados por qualquer pessoa, seja qual for sua crença ou mesmo sem nenhum referencial religioso. Está difundido em mais de 182 países, conta com 141.400 mil membros e aproximadamente dois milhões de simpatizantes do Movimento. Num âmbito mundial são quase 12 milhões de pessoas que possuem algum tipo de contato com o Movimento dos Focolares.

O Movimento dos Focolares está ligado à Igreja Católica, porém tem adeptos de diversas religiões (budismo, islamismo, hinduísmo, etc.) e fiéis ligados a 350 igrejas cristãs, incluindo cerca de 100 mil pessoas que não têm nenhum referencial religioso, mas possuem um objetivo comum de ajuda ao próximo. Tem um estilo de vida, propõe uma nova cultura: a "Cultura da Partilha". Dentre os vários projetos de cunho social realizado pelo Movimento, de acordo com as necessidades do ambiente em que se encontra, deve-se salientar uma proposta econômica totalmente inovadora: a Economia de Comunhão na Liberdade, cujo aprofundamento será o objeto de estudo do próximo capítulo.

### **1.3.1 - O Movimento dos Focolares alcança as terras brasileiras**

Um texto da jornalista Fernanda Pompermayer (Revista Cidade Nova - 2011) apresenta um breve relato de como o Movimento dos Focolares chegou ao Brasil. No ano de 1956 o Padre João Batista Zattera, do Rio Grande do Sul, fez uma viagem à Itália onde teve seu primeiro contato com o Movimento dos Focolares.

Em 1958, outros dois sacerdotes de Recife participaram, sempre na Itália, de um Congresso anual do Movimento denominado Mariápolis<sup>1</sup>. Após esse contato, três membros do Movimento fizeram uma viagem ao Brasil, começando por Recife, onde surgiu a primeira comunidade. Marco Tecilla, Lia Brunet e Ada Ungaro percorreram vários Estados do Brasil e alguns países da América Latina. A semente estava plantada e o terreno preparado para acolher o ideal de Chiara Lubich.

Em 1959, em resposta a uma carta de Dom José Avelino Dantas, então arcebispo de Olinda e Recife, Chiara concorda com a abertura dos dois primeiros centros do Movimento fora da Europa.

Em 26 de novembro de 1959 partem para Recife quatro focolarinas<sup>2</sup> (Ginetta Calliari, Fiore Ungaro, Marisa Cerini e Violetta Sartori) e quatro Focolarinos (Marco Tecilla, Enzo Morandi Rino Chiapperin e Gianni Buselatto). Rapidamente o Movimento se espalha pelos estados do nordeste e sucessivamente por todo o país, inaugurando em 1962 o primeiro Focolare brasileiro em Recife. Em 1967 foi feita, em São Paulo, a compra do terreno onde surgiria a Mariápolis Araceli, atualmente Mariápolis Ginetta.

## **1.4 - A Economia e o Projeto da EdC**

A construção de uma sociedade economicamente estabilizada se dá ao longo de muito tempo e depende totalmente de todos os fatos e fatores acontecidos anteriormente na história da humanidade. A economia tem sido uma ciência de grande destaque em termos de crescimento social, entre outros aspectos. O que atualmente se vê na economia mundial deu-se por consequência de fatos de um passado bastante interessante com mudanças gradativas, ocorridas há algumas décadas. Até mesmo por conta da crescente globalização e mundialização do

---

<sup>1</sup> Cidades-testemunhas onde vivem pessoas vinculadas ao Movimento dos Focolares para exemplificar com a vida o desejo de uma sociedade fraterna.

<sup>2</sup> Pessoas que vivem de maneira mais profunda as realidades do Movimento dos Focolares.

capital, a economia tem ganhado destaque em diversos estudos acadêmicos. É necessário considerar algumas pessoas que foram influentes nessa área, como os filósofos Karl Marx, Adam Smith e John Mayard Keynes. Cada um em seu tempo, defendendo suas ideias de economia, contribuiu de certa forma para o que assistimos no âmbito econômico hoje. Para os autores Luiz Koshiba e Denise Manzi Frayze Pereira (História Geral e Brasil – 2006), o argumento de tais pensadores foi considerado de grande importância para os novos modelos de economia, surgidos no decorrer dos tempos.

Um desses modelos é o Projeto de Economia de Comunhão na Liberdade e não há como falar de EdC sem antes fazer um adendo sobre estas grandes mudanças econômicas ocorridas no seio da sociedade capitalista até os tempos modernos. Para isso serão abordados alguns temas de grande relevância na economia mundial que ocasionaram consequências fundamentais para um marco na economia contemporânea; entre tais citações estão os pensadores já mencionados anteriormente, bem com as revoluções industriais e as principais crises econômicas.

A concepção marxista no século XVI era uma permanente dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos, em que a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta de classes.

Marx queria a inversão da pirâmide social, ou seja, pôr no poder a maioria, os proletários, que seria a única força capaz de destruir a sociedade capitalista e construir uma nova sociedade, a socialista. Para Marx, quanto mais o mundo se unifica economicamente mais ele necessita de socialismo. Marx tentou demonstrar que no capitalismo sempre haveria injustiça social, e que o único jeito de uma pessoa ficar rica e ampliar sempre mais sua fortuna seria explorando os trabalhadores, ou seja, o capitalismo é selvagem, pois o operário produz mais para o seu patrão do que para o seu próprio custo e para a sociedade, e assim o capitalismo se tornaria necessariamente como um regime econômico de exploração.

O Comunismo, segundo Marx, seria o último e mais alto estágio de desenvolvimento. A luta de classes seria o meio pelo qual a história iria progredir. Porém os poderosos não iriam abrir mão do poder tão fácil, então a conquista seria de forma revolucionária, mesmo.

Já a teoria de Adam Smith foi de fundamental importância para o desenvolvimento do capitalismo nos séculos XIX e XX; ele foi chamado assim de o pai da economia moderna. Foi um dos principais teóricos do liberalismo econômico; defendia que na sociedade deveria haver total liberdade econômica para que a iniciativa privada pudesse se desenvolver, sem a intervenção do Estado. A livre concorrência entre os empresários regularia o mercado, provocando a queda de preços e as inovações tecnológicas necessárias para melhorar a qualidade dos produtos e aumentar o ritmo de produção. Ele influenciou grandemente a burguesia europeia: comerciantes, industriais e financistas do século XVIII, pois estes atacavam a política econômica mercantilista promovida pelos reis absolutistas, além de contestar o regime de direitos feudais que ainda persistia em muitas regiões rurais da Europa. A intenção era acabar o mais breve possível com o Mercantilismo. Ainda hoje o liberalismo econômico continua sendo referência para gerações de economistas, procurando demonstrar que a riqueza das nações resultava da atuação de indivíduos que, movidos apenas pelo seu próprio interesse, promoviam o crescimento econômico e a inovação tecnológica.

Outro estudioso foi Keynes, num período em que o desemprego em massa assolava as economias capitalistas. A teoria de Keynes fora chamada de macroeconomia, logo após a crise iniciada em 1929, e se baseava na intervenção do Estado para o crescimento da economia. Foi colocada em prática após o fim da II Guerra Mundial, como uma opção para a recuperação dos países destruídos pela guerra. Tal corrente é conhecida como *Welfare State*, Estado de Bem-Estar Social, ou ainda como Keynesianismo. Vários países aderiram a tal corrente fazendo com que essa nova tendência ganhasse força em meio ao capitalismo. Para ele a teoria da “mão invisível” de Adam Smith não era suficiente aos mecanismos autorreguladores do capitalismo, para manter a economia nos trilhos. Defendia a criação de uma entidade supranacional que regulasse o sistema financeiro internacional e, como base teórica no Acordo de *Bretton Woods*, foi criado o BIRD (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento) e o FMI (Fundo Monetário Internacional). A teoria atribuiu ao Estado o direito e o dever de conceder benefícios sociais que garantissem à população um padrão mínimo de vida, como a criação do salário-mínimo, salário-desemprego, redução da jornada de trabalho (antes superior a 12 horas diárias) e assistência médica gratuita. Por isso foi chamado também de

“Estado de Bem-Estar Social”, ou “Estado Escandinavo”. O Keynesianismo durou até o fim dos anos 1960, quando, em meio à instabilidade econômica e a alta inflação, passou a ser substituído por um modelo diferente, o chamado Neoliberalismo, que pregava a mínima intervenção do Estado no mercado.

A partir do final da década de 1970, os economistas adotaram argumentos monetaristas contrários àqueles propostos pela doutrina keynesiana, sofrendo esta maior abandono nas décadas de 1980 e 1990.

#### **1.4.1 - Revolução Industrial**

Segundo os autores Campos (Estudos de História Moderna e Contemporânea 1988), Aquino, Alvarenga, Franco e Lopes (História das Sociedades – 1985) a Primeira Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra, no século XVIII, em meados dos anos 1.780, e por volta de 1.830 migrou para o continente europeu, alcançando não muito depois a Bélgica e França, países próximos do arquipélago britânico. Já no século XIX, atravessou o Atlântico, rumou para os Estados Unidos e, no final do mesmo século, retornou ao continente europeu para retomar seu fio tardio na Alemanha e na Itália, chegando também ao Japão.

O ramo característico da Primeira Revolução Industrial foi o setor têxtil de algodão. Ao seu lado, aparece a siderurgia, dada a importância que o aço teve na instalação de um período técnico apoiado na mecanização do trabalho. A tecnologia característica era a máquina de fiar, o tear mecânico. A revolução se deu na cidade de Manchester (Inglaterra), pois era a cidade de concentração destas duas características de tecnologia citadas acima. As máquinas eram movidas a vapor, este originado da combustão do carvão, a forma de energia principal desse período técnico. O sistema de transporte característico era a ferrovia, além da navegação marítima. O trabalho era assalariado e o trabalhador qualificado era geralmente pago por peça. Apesar de ser iniciada na Inglaterra, a Revolução Industrial foi um fenômeno muito maior dos Estados Unidos que nos países europeus, num período entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial.

No século XX ocorre a Segunda Revolução Industrial, que tem por base os ramos metalúrgicos e químicos. Nesse período, o aço torna-se um material tão básico que é nele que a siderurgia ganha sua grande expressão. A tecnologia

característica desse período era o aço, a metalurgia, a eletricidade, a eletromecânica, o petróleo, o motor, a explosão e a petroquímica. A eletricidade e o petróleo foram as principais formas de energia.

A indústria automobilística também assume grande importância nesse período, sendo o metalúrgico o trabalhador típico da época. O sistema de técnica e de trabalho desse período foi o Fordismo de Henry Ford (1920), com sua indústria de automóvel em Detroit, Estados Unidos. Esse sistema se tornou o paradigma de regulação técnica e do trabalho conhecido em todo o mundo industrial. A linha de montagem, criada por Ford introduz na indústria a produção padronizada, em série e em massa.

Com o Fordismo, surge um trabalhador desqualificado, que desenvolve uma função mecânica, exaustiva e para a qual não precisava pensar, pois tal função era dada a um engenheiro responsável pelo planejamento dentro do sistema da fábrica. Esse modelo era influenciado pelo pensamento de Taylor (1900), que desassociava a produção a partir da separação entre o trabalhador intelectual e o operário qual desenvolvia o trabalho manual. O trabalho taylorizado desenvolvia um modelo especializado, fragmentado, não qualificado, intenso, rotineiro, insalubre e hierarquizado.

A intenção de Henry Ford era implantar o Fordismo no mundo todo através de sua produção em massa, pretendendo vender seus carros por um preço acessível a toda a população. Porém, poucos eram os que conseguiam adquirir um automóvel da frota.

Na década de 70, o Fordismo entra em declínio. A *General Motors* flexibiliza sua produção e seu modelo de gestão como a maior montadora do mundo. Após os choques do petróleo e a entrada de competidores japoneses no mercado automobilístico, o Fordismo e a produção em massa entram em crise e começam gradativamente a ser substituídos pelo modelo de produção enxuta, baseado no Sistema Toyota de Produção. Esse sistema tivera suas características desenvolvidas pelos engenheiros da própria Toyota, indústria japonesa cujo método foi abolir a função de trabalhadores profissionais especializados para torná-los especialistas multifuncionais.

Mesmo com as mudanças ocorrentes no mercado automobilístico, Ford demonstrou que era um homem audacioso e com planos futuros. Prova disto foi a construção da cidade Fordlândia aqui no Brasil, no ano de 1927, em Santarém-PA. O intuito de Ford era o plantio de seringueiras para extrair o látex das árvores. Este seria usado como matéria-prima na confecção de pneus utilizados na sua produção em massa de veículos.

Ford não foi bem sucedido neste projeto, tivera problemas no cultivo das seringueiras e assim perdeu seu investimento. Tentou na época o plantio em outras regiões do mundo sem sucesso. A Inglaterra dominava a produção de látex na Malásia, o que criou problemas de abastecimento para a empresa de Henry Ford. A Fordilândia foi um fracasso, mas mesmo após 18 anos, Ford descobriu a forma de produzir pneus do petróleo.

A era Ford foi perdendo seu espaço e, em 2007, a Toyota tornou-se a maior montadora de veículos do mundo, colocando um fim ao Fordismo.

A Terceira Revolução Industrial iniciou-se na década de 1970, tendo por base a alta tecnologia de ponta (*High-Tech*). As atividades tornaram-se mais criativas, exigindo elevada qualificação da mão-de-obra com horário flexível de trabalho.

Foi uma revolução técnico-científica flexibilizada no Toyotismo, iniciada no Japão, e apresentou ao mundo à microeletrônica, a informática, a máquina CNC (Controle Numérico Computadorizado), o robô, o sistema integrado à telemática (telecomunicações informatizadas) e a biotecnologia. Sua base misturava física e química, engenharia genética e biologia molecular. O computador apresentou um marco na história da terceira revolução industrial.

A flexibilidade técnica do trabalho tornou-se mais adaptável ao sistema econômico, sobretudo a relação entre produção e consumo, por meio do *Just-in-time* e *Kanban*, projetos desenvolvidos para melhoria dentro do sistema de produção.

Ao assumir o lugar do Fordismo, o Toyotismo conquistou em 2007 um espaço ainda maior em termos de economia mundial.

## 1.4.2 - A EdC no Brasil e o pensamento frente às diversas crises mundiais

Ao longo das décadas a humanidade sofreu diversas alterações no modo de vida pessoal, social e profissional. As revoluções pelo mundo afora influenciaram fortemente o modelo capitalista, com consequências positivas e negativas. Nem tudo foi como os estudiosos e filósofos da economia planejavam. Os pontos fracos deram oportunidades para que as crises econômicas começassem a ganhar intensidade no mercado. Segundo Averbug e Giambiagi (Rio de Janeiro – 2000) a economia contemporânea tem sido marcada por diversos fatores para que atingisse o patamar em que hoje se encontra, exemplo são as inúmeras crises, principalmente a partir da década de 1970, as quais serão citadas a seguir.

### 1.4.2.1 - Crise de 1970

A década de 1970 foi a época em que aconteceu a crise do petróleo, levando os Estados Unidos à recessão, ao mesmo tempo em que economias de países como o Japão começavam a crescer. Nessa época também surgia o movimento em defesa do meio ambiente, e houve também um crescimento das revoluções comportamentais da década anterior. Muitos a consideram como a "Era do Individualismo". Foi uma década de acontecimentos pelo mundo todo: independência de diversos países, regime político ditatorial, surgimento do terrorismo, lutas políticas, etc.

A economia mundial sofreu um grande abalo por conta da falta de petróleo, particularmente a dos Estados Unidos, que entra em recessão após a crise do petróleo de 1973, quando a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) triplica o preço do barril de petróleo. Tal fato ocorreu como represália dos países árabes, que são a maioria dos constituintes da OPEP, aos Estados Unidos por estes terem apoiado Israel na Guerra do *Yom Kippur*<sup>3</sup>, neste mesmo ano.

O Brasil, ainda sob impulso do milagre econômico e alçado para a posição de 9ª economia do mundo, poupa os efeitos desta primeira crise do petróleo utilizando reservas cambiais e, em seguida, empréstimos internacionais para equilibrar sua deficitária balança comercial. Porém o milagre econômico começa a declinar.

---

<sup>3</sup> Guerra Árabe

Em 1979 uma nova crise do petróleo preocupa o ocidente, desta vez motivada pela queda do Xá do Irã, Mohammad Reza Pahlavi, então aliado dos Estados Unidos. A queda do Xá permite a ascensão ao poder do Aiatolá Komeini, líder muçulmano xiita e inimigo declarado de Israel. Mais uma vez, agora por pressão do Irã, o petróleo é usado como arma e tem seu preço duplicado em detrimento dos Estados Unidos, o maior consumidor mundial e histórico.

Uma desregulamentação do sistema monetário internacional e dois choques petrolíferos (em 1973 e 1979) estiveram na origem de uma crise econômica que, no início dos anos 1970, travou o ritmo de crescimento nos países industrializados. O dólar americano, que servia de referência a todas as economias ocidentais desde a década de 40, foi desvalorizado em 1971 e perdeu a sua paridade relativamente ao ouro. Dois anos depois, no final de 1973, os países árabes membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) aumentaram quatro vezes o preço do petróleo no espaço de três meses, numa altura em que estavam em guerra com Israel, e nacionalizaram as instalações ocidentais. Entre 1979 e 1980, ocorre uma nova crise petrolífera. Com a queda da oferta, os preços do barril sobem para mais de 30 dólares, e o aumento desta fonte de energia tem graves repercussões em alguns setores industriais da Europa, que denotam uma nítida dificuldade em acompanhar os tempos, em especial a siderurgia, a construção naval, a química pesada e a construção de automóvel. A inflação aumenta e o resultado desta situação são inúmeras falências e a crise das indústrias tradicionais que haviam estado na base do arranque da Revolução Industrial, como a siderurgia, a metalurgia, a têxtil e os derivados destas.

O problema do desemprego, que no princípio dos anos 1970 quase desaparecera, volta a afligir as economias europeias, mas desta vez é um desemprego muito focalizado, atingindo essencialmente jovens sem formação especializada, mulheres, trabalhadores imigrantes e os operários das indústrias tradicionais. A produção industrial diminuía, verificava-se um aumento generalizado dos preços dos produtos, as taxas de desemprego estavam subindo e algumas indústrias como a siderurgia e a aérea ameaçavam falir. O preço do petróleo chegou a ser 400% maior, o que conduziu a um novo aumento da inflação, provocando a redefinição das políticas econômicas nos países industrializados.

Esse momento coincide com o fim do milagre econômico ocorrido durante a ditadura militar no Brasil. A crise do petróleo, que barrou os altos índices de crescimento do Brasil, fora fundamental para a população começar a se rebelar contra o regime militar no país, fazendo aumentar as críticas e transparecer os abusos que o governo encobria ao longo dos anos, com a máscara do crescimento nacional. Porém as consequências alcançaram as décadas seguintes a 1970.

#### **1.4.2.2 - Crise de 1980 - A chamada década perdida para o Brasil**

Seria inevitável que a crise de 1970 não afetasse as décadas seguintes. Os países estavam tentando se estabilizar da melhor forma possível, e no Brasil não era diferente. Entre 1980 e 1984 uma nova crise econômica afeta o país devido aos seus desajustes macroeconômicos que geravam taxas insuportáveis de inflação, o que de fato impedia o sucesso de qualquer plano de crescimento econômico. Tivemos um aumento do déficit público devido ao crescimento da dívida externa ocasionada pela elevação das taxas internacionais de juros e à continuidade da sua política fiscal expansionista do governo. Uma nova república, com a eleição de um presidente civil pelo voto indireto, seria a porta de entrada para a retomada da democracia. A tentativa era de se criar um ambiente macroeconômico voltado para o crescimento da economia sem medir as responsabilidades fiscais, monetárias e cambiais.

O quadro externo em 1980 muda sensivelmente com o segundo choque do petróleo e a elevação das taxas internacionais de juros. Ao contrário do que ocorreu no primeiro choque do petróleo, houve uma escassez de oferta monetária e a comunidade financeira internacional não tinha mais confiança na capacidade de o Brasil equilibrar seu balanço de pagamento.

Diante desse novo quadro econômico interno e externo, o governo não via outra saída a não ser adotar uma política econômica mais rígida. Foram criadas algumas medidas governamentais e estabelecida uma nova política salarial. Esta política foi implantada em 1980 proporcionando uma queda do salário real da faixa de renda mais alta, possibilitando ainda uma distribuição da renda.

A recessão econômica mundial levou os países centrais a reduzirem suas importações. Um dos setores mais atingidos foi o da produção de bens de capital. O

setor industrial de maneira geral teve uma retração de 52% e a taxa de desemprego foi de 7.5% entre trabalhadores ligados a indústria.

Se o ambiente interno era um problema para os formuladores de política econômica, no âmbito externo o país consegue atingir as metas estabelecidas com o FMI.

Em 1984 a economia brasileira finalmente volta a crescer e o país foge da recessão econômica graças a forte recuperação da economia americana que proporcionou um aumento das exportações brasileiras. Com esse novo estímulo a atividade industrial demonstra os sinais de recuperação no primeiro trimestre de 1984.

#### **1.4.2.3 - Crise dos anos 1990**

Foi uma década que dispôs de características políticas econômicas, distintas em relação aos anos 80. O crescimento do mercado financeiro e privado sobre o público também contribuiu para as mudanças ocorridas. As políticas neoliberais e o processo de privatização foram fatores marcantes para a mudança desta nova economia.

O Plano Real e a estabilização das taxas de inflação foram, sem dúvida, os principais eventos no âmbito econômico no decorrer da década de 90. Ou seja, o próprio sucesso do plano levou a economia nacional a uma série de desequilíbrios macroeconômicos (Fiori, 1998); no entanto há autores que possuem outra posição como Mercadante (1998) que afirma: "O responsável seria o aumento acelerado das importações de bens, serviços e capitais; âncora cambial e juros elevados".

Para que se possa entender a dinâmica e a lógica por trás desse processo, faz-se necessário considerar as iniciativas e reformas promovidas pelo Estado, a fim de reduzir a interferência estatal nos "mercados" e promover a competitividade na economia, que ocorre com mais vigor a partir de 1990.

A implementação de uma série de medidas que contribuíram para o contínuo esfacelamento do setor público, por outro lado, provocou a "ressurreição" dos credores internacionais que, ao contrário da década anterior, assistiam a uma crise de excesso de liquidez (Filgueiras, 2000).

A "boa vontade" de financiar a economia brasileira dava-se, principalmente, por meio de capitais de curto prazo a juros elevados, de investimentos diretos ou, em alguns anos mais especificamente, pelos recursos destinados ao processo de privatização.

Os novos e abundantes recursos facilitaram o fim da inflação crônica em parceria com o governo Collor, a "era liberal" do Brasil. O capitalismo sofreu novamente um impacto em 1991, quando no início da Guerra do Golfo Pérsico gerou um novo momento de crise. O Iraque foi invadido pelo Kuwait; os Estados Unidos intervieram no conflito e expulsaram os iraquianos do Kuwait, que antes de sair, incendiaram poços de petróleo do país causando uma crise econômica e ecológica. No Brasil a política democrática começou a sofrer instabilidades com o confisco de poupanças pelo presidente Fernando Collor. Por conta do "*Impeachment*" de Collor, Itamar Franco assumiu a presidência do país e, mesmo em meio à crise, o Brasil experimentou uma nova estabilidade econômica e o crescimento, com o Plano Real (1994), o qual igualava a paridade da moeda nacional e do dólar.

O intervencionismo estatal, a exemplo do que já ocorria nos países centrais e em algumas economias latinas, era constantemente "satanizado" e cedia lugar, de forma acelerada, a propostas de desregulamentação total da economia, abertura comercial completa, Estado mínimo, privatizações etc. No entanto, essa visão não era compartilhada por diversos autores que discordavam da política de abandono dos investimentos estatais em prol da iniciativa privada, questionando a eficiência presumida do setor privado sobre o setor público, e apontando os riscos iminentes de dependência econômica dos investimentos privados. O modelo de substituição de importações, que fora o grande propulsor do desenvolvimento nesse período, estava esgotado, o que abria uma lacuna ideológica em toda a América Latina para a proliferação dos ideais de caráter "neoliberal", que não passavam de um aprofundamento da centralização e concentração do capital sob um novo paradigma, uma nova roupagem. A internacionalização do capital colocava em lados opostos países ricos e pobres, tornando-se claro que os Estados mais fracos deveriam submeter-se às novas exigências do sistema financeiro internacional.

Por fim, apesar do fraco desempenho econômico nacional no intervalo 1980-2000, algumas diferenças podem ser apontadas. Em primeiro lugar, as elevadas taxas de inflação e políticas macroeconômicas caóticas dos anos 1980, foram

sucessivas pelo plano de estabilização da década. É justamente nesse contexto que o processo de privatização ganha destaque como sustentação política econômica no período de estabilização, atingindo seu "auge" no primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso.

## **1.5 - A Inspiração do Projeto da EdC**

Como foi demonstrado no texto anterior sobre as crises mundiais, as mudanças decorridas em cada década, de certo modo, incentivaram alguns países a buscar a reestruturação econômica. Um destes foi o Brasil que ao longo dos tempos vem ganhando um destaque mundial pela economia em desenvolvimento. Fora preciso passar por diversos processos pós-crise para se reerguer. Conclui-se que mesmo em meio a tantas crises econômicas muito se tem feito para que os países possam se desenvolver e alcançar uma economia estabilizada, oferecendo mais condições de consumo às pessoas e melhor condição de vida a sociedade, bem como uma política justa focando pobres e ricos, grandes e pequenos, empresas e empregados. Isso se dá em todo mundo, mas sempre há um ponto de partida, e algumas vezes nem sempre começa por um país desenvolvido e estabilizado. No decorrer dos anos 1980 e 1990, ocorreram diversas mudanças para alcance deste objetivo surgindo, em diversas partes do planeta, alguns ideais para estabelecer uma nova economia para o mundo, entre os quais, a EdC de Chiara Lubich idealizada no ano de 1991, no Brasil.

### **1.5.1 - O Brasil como berço da EdC**

Em maio de 1991 Chiara Lubich fez sua sexta viagem ao Brasil. Enquanto sobrevoava a cidade de São Paulo, ficou estarrecida com a visão de muitos prédios e casas luxuosas quase que encostadas em grandes conjuntos de favelas. Chiara pôde enxergar o enorme contraste social que havia numa das mais importantes metrópoles do mundo.

Dentro do Movimento havia pessoas de diversas classes sociais (ricos e pobres) que praticavam a comunhão de bens proposta desde quando Chiara começara sua jornada em Trento. Mas para ela, isto era pouco, diante da situação presente. Teve conhecimento de que muitos dos membros do Movimento no Brasil

eram ainda muito pobres. Também conheceu os empresários que praticavam a comunhão como membros do Movimento, conforme desde o princípio fora proposto. No Brasil Chiara percebeu que esta comunhão poderia ser aplicada dentro das empresas, resultando numa igualdade social mais justa, proporcionando benefícios para as empresas, funcionários e abrangendo, ainda, as comunidades.

Foi feito um estudo na área econômica, social e empresarial por pessoas que auxiliavam Chiara e, após algumas conclusões, surge a primeira proposta de uma nova economia que pudesse contribuir na melhoria de vida para as pessoas pobres.

No dia 29 de maio de 1991, durante uma reunião que Chiara presidiu na Mariápolis de Vargem Grande Paulista, SP foi apresentada a um grupo de 650 pessoas (adultos e jovens, pobres e ricos, empresários ou não) esta nova proposta que mudaria a visão econômica empresarial, Porém sempre baseada nos princípios do Movimento dos Focolares, De início, chamou-se de “Projeto Brasil” e, mediante a ideia já amadurecida, se tornou o “Projeto da EdC na Liberdade”. O objetivo era dividir o lucro das empresas em três partes:

- Investir na própria empresa para seu desenvolvimento, garantir e ampliar os postos de trabalho e atividade econômica gerando mais empregos;
- Difundir a cultura da comunhão entre as pessoas, investindo na formação de “Homens Novos” de modo a fortalecer a base cultural que sustenta o projeto. É importantíssimo que as pessoas entenderem que a cultura do “dar” é mais importante que a cultura do “ter” (baseada no individualismo e no acúmulo sem limites) para que houvesse uma união nos propósitos, buscando o bem comum entre todos, dentro dessa nova realidade.
- Destinar a terça parte do lucro para ajudar pessoas em situação de pobreza, desempregadas, e mesmo as empregadas, mas com uma renda insuficiente para suprir as suas necessidades básicas.

Para a época, este projeto parecia uma ousadia diante da crise que estava acontecendo. Os cientistas sociais e os economistas acreditavam que era um passo importante no Brasil, mas de certa forma assustados com este novo pensamento.

### **1.5.2 - A EdC como proposta de uma nova economia para as empresas privadas - Algumas realidades já em desenvolvimento.**

Na EdC, o termo riqueza está relacionado a tudo o que se acrescenta ao ser humano; não somente o dinheiro, mas também cultura, participação, felicidade, desenvolvimento sustentável e meio ambiente.

O organograma hierárquico não funciona de forma rígida. A hierarquia é como uma rede neural, flexível e funcional. A liderança dos executivos deixa de ser de forma controladora e passa a ser cultivadora, catalisadora de processos produtivos. Deve haver um equilíbrio entre os grupos de interesses e tendências na proposta da empresa, preservando a essência do projeto da EdC e procurando estruturar uma transformação permanente de funcionários, processos, equipamentos, clientes, etc. Os princípios da EdC devem ser mantidos considerando as regras e as propostas onde o bem do ser humano é o principal objetivo.

Na proposta da EdC, Chiara Lubich sugere que sejam empresas dirigidas por pessoas honestas, competentes, talentosas e dispostas a colocar em comum, de forma voluntária, os lucros auferidos, segundo as finalidades apresentadas dentro do projeto da EdC. Os próprios executivos determinariam quando e como fariam a distribuição do lucro, sempre respeitando o objetivo do projeto. Essas empresas deveriam estar situadas próximas à Mariápolis Araceli, atualmente Mariápolis Ginetta, formando um polo empresarial que reunisse as empresas aderidas ao projeto, num primeiro momento.

Em resposta ao Projeto da EdC e na inspiração das palavras de Chiara Lubich “Somos pobres, mas somos muitos”, nasceu a Espri S.A. (Empreendimento, Serviços e Projetos Industriais), com o objetivo de construir e administrar o Polo Spartaco. É também sua função oferecer possibilidade a todos que desejassem contribuir para o desenvolvimento pleno da EdC. Trata-se de uma sociedade anônima de capital fechado, ou seja, as ações são vendidas diretamente através da empresa.

A Espri S.A. mantém seu capital constituído pela subscrição de ações dos acionistas brasileiros e estrangeiros. Atualmente o capital social da Espri S.A. é de mais de R\$ 3.190.891,00 (Três milhões cento e noventa mil oitocentos e noventa e

um reais), incrementado periodicamente a partir da subscrição de novas ações, contando com aproximadamente 4.000 acionistas do Brasil e do exterior.

Segundo o censo SEBRAE (Kelen Leite, 2008) a Espri é a maior empresa por participação acionária de capital fechado do Brasil.

O valor das ações é definido anualmente por ocasião do fechamento do balanço, não tendo valor nominal. Este valor investido é convertido em quantidade de ações, e só então são emitidas as cautelas.

Hoje, o rendimento das ações tem origem na reavaliação dos imóveis, que equivale à valorização do mercado imobiliário local.

### **1.5.3 - O Polo Spartaco**

Administrado pela Espri nasce, em 1994, o Polo Empresarial Spartaco, com o intuito de dar viabilidade e visibilidade ao Projeto da Economia de Comunhão, proporcionando às empresas um local apropriado para se instalarem e, juntas, testemunharem uma vivência laboratorial sob uma nova experiência econômica.

Situado no município de Cotia (SP), a 4 km da Mariápolis Ginetta, o Polo Spartaco foi projetado para abrigar dez empresas, sendo o escritório da Espri S.A. uma área comercial e de serviços.

Conta, atualmente, com outras cinco empresas sendo: KNE-Rotogine (rotomoldagem de plásticos), EcoAr (produtos de limpeza), AVN (embalagens plásticas), Prodiet Nutrição Clínica (soluções diferenciadas em nutrição clínica), e a Uniben Fomento Mercantil Ltda (fomento mercantil - *facturing*).

Existem no Brasil ainda mais dois polos empresariais da EdC: em Igarassu (PE) e em Benevides (PA).

No decorrer dos anos outras empresas, que não se situam dentro dos polos empresariais, aderiram ao projeto da EdC, num total 145 empresas em todo o Brasil, considerando as já citadas anteriormente, e um total de 800 em 40 países por todo o mundo, nos mais diversos setores da economia.

#### **1.5.4 - Como deve ser uma empresa da EdC**

Os empresários que abraçam a proposta da EdC devem manter um estilo de vida em comunhão, aspecto que reflete nos diversos setores de gestão empresarial.

Ética: As empresas devem cumprir suas obrigações, respeitando as leis, cumprindo o comportamento ético frente ao Fisco, órgãos de controle, sindicatos e órgãos institucionais. Deve considerar o bem-estar das pessoas a que destinam seus produtos ou serviços. O comportamento ético também deve permear no relacionamento de seus empresários e colaboradores, ou seja, deve haver uma reciprocidade.

Relação empresário e trabalhador: O centro da empresa é o trabalhador e não o capital. Os dirigentes da organização estão comprometidos a empregar da melhor forma possível os talentos de cada colaborador, favorecendo a criatividade e participação nos objetivos da empresa, tendo presente os critérios típicos de uma gestão ética empresarial. Se alguém estiver passando por alguma necessidade, a empresa adota alguma medida de ajuda para o mesmo. Os investimentos são destinados à criação de novas atividades e postos de trabalho para gerar novos empregos.

Relação com clientes, fornecedores e concorrentes; Para que a empresa possa constituir um desenvolvimento econômico é preciso oferecer bens e serviços de qualidade a preço justo. O profissionalismo contribui na construção de boas relações com os clientes, fornecedores, concorrentes e comunidade. A lealdade e a estima na concorrência devem ser uma premissa respeitando outras empresas, de forma a não negatizar os produtos alheios.

Qualidade de vida e produção: A empresa deve funcionar como se fosse uma comunidade, com uma averiguação constante na qualidade interpessoal dos colaboradores por meio de encontros ou reuniões regulares para resolução de situações difíceis. A empresa deve adotar gestão e estrutura organizacional a fim de promover o trabalho em grupo, bem como o crescimento individual, estimulando inovação, maturidade e produtividade. Deve considerar as questões de saúde e bem-estar de cada membro, instigando o gozo legal e integral das férias, evitando ainda o uso abusivo de hora-extra para que os colaboradores não fiquem sobrecarregados, o que influenciaria na produtividade.

Local de trabalho: O ambiente de trabalho deve ser propício, a estrutura do espaço deve ter condições adequadas para o cumprimento das atividades (livre de ruídos, com boa iluminação, etc). O local de trabalho deve ser organizado, limpo e harmonioso para que, os clientes internos, como os externos e os fornecedores se sintam bem naquele ambiente.

Crescimento profissional: As empresas da EdC investem nos talentos, ideias e competências para o progresso da organização. Além disso, fornece oportunidades de requalificação e qualificação contínua aos seus colaboradores.

Comunicação: Uma empresa da EdC busca de maneira especial manter um clima comunicativo aberto e verdadeiro, em que os valores são expressos com clareza. Os meios de comunicação devem ser mais avançados possíveis, gerando uma integração e apoio recíproco entre outras empresas da Edc e promovendo o esforço para a atuação do estilo de comunhão proposto em nível local e internacional.

### **1.6 - Como é realizada a distribuição do que foi arrecadado e quem são os beneficiários da EdC?**

Uma vez que a empresa adere ao Projeto da EdC na Liberdade, é necessário que antes de tudo cumpra seu papel para o qual foi criada, pagando suas obrigações, cumprindo as leis que lhe cabem como organização, buscando a responsabilidade social, além de manter o compromisso com seus clientes, fornecedores e colaboradores.

A empresa nem sempre consegue cumprir a partilha do lucro, o que não é uma obrigação e sim uma condição a ser cumprida de forma voluntária. A empresa não pode deixar de cumprir seus compromissos para tirar a terça parte. Em alguns casos empresas sofrem problemas financeiros e, ao invés de contribuir para o projeto da EdC, são ajudadas em alguma dificuldade pelas outras do projeto.

O empresário tem total liberdade de quanto, como e quando puder ajudar. Esta é a essência do projeto, mas devem ser conscientes de que as empresas da EdC têm que manter este princípio básico. A liberdade deve caminhar com o compromisso para ajudar a si, à comunidade e a todos os componentes das empresas da EdC.

Ligada ao projeto da EdC, existe a Comissão Central na cidade de Roma – (Itália) que é a organização responsável burocraticamente por tudo o que é arrecadado das empresas do mundo todo. É amparada juridicamente pela ANPEC (Associação Nacional por uma Economia de Comunhão-BR), representada em cada país pelas Comissões Locais.

A empresa deposita o valor da partilha numa conta bancária que é administrada pela Comissão Local. Esta por sua vez, repassa por meio de relatórios e informações virtuais toda a movimentação realizada do dinheiro arrecadado à Comissão Central.

A Comissão Local absorve juntamente com o Movimento dos Focolares as necessidades apontadas e destina ajuda aos necessitados seja de um bairro, de uma cidade ou estado. Os focolares são extremamente importantes para que as informações sobre a comunidade sejam expressas claramente: quem e o que necessita para cumprir a partilha, segundo o pensamento de Chiara.

São os focolares que acompanham as pessoas no dia a dia, suas vivências familiares e sabem dos diversos problemas que ocorrem na sociedade. O *feedback* principal é dado por meio deles para que a Comissão Local possa fazer uma distribuição mais eficaz cumprindo as indicações. A Comissão Local capta os dados e informa tudo à Comissão Central de Roma.

Ocorre que algumas empresas não conseguem obter lucro e conseqüentemente não realizam a partilha proposta pela EdC. É importante ressaltar que devem pagar suas obrigações, mas em alguns casos, as taxas altíssimas de impostos e tributos, como ocorrem no Brasil, afetam a arrecadação da organização.

Em casos como estes, o empresário tem a liberdade, já que não pode contribuir na partilha, de realizar outros projetos que não afetem a empresa, mas, de certa forma, tragam algum benefício aos seus colaboradores. Por exemplo, um valor que foi destinado a um caixa comum: o funcionário que tem uma necessidade recorre a este caixa, sem pagar juros; suprida esta necessidade, ele repõe esse valor para as necessidades de outros. Ou também pode oferecer um treinamento interno, promover, por exemplo, um evento familiar para os colaboradores. Outra diferenciação do projeto é o que acontece na Associação Polo Spartaco que abriga

todas as empresas do Polo Empresarial Spartaco, para dar apoio aos funcionários. É proposto que o funcionário de cada empresa colabore mensalmente com uma quantia; a empresa por sua vez, também doa a mesma quantia. A Associação administra o dinheiro arrecado e oferece aos funcionários descontos na farmácia, empréstimos equivalentes ao salário do colaborador, depois desconta em holerite por até 12 vezes, sem juros, cobrando apenas as taxas administrativas bancárias.

### **1.6.1 - O Relatório anual da EdC 2009/2010**

O relatório anual de 2009/2010 da EdC demonstra que o total do lucro arrecado através de suas empresas em todo mundo foi de 55% oferecidos pelo setor de serviços, 26% pelas indústrias e 19% do setor de comércio.

Dos € 785.418,11 arrecadados, € 408.348,49 (52%) foram destinado para projetos de desenvolvimento e assistência, € 349.415,68 (44,5%) para atividades de formação de “Homens Novos” e o restante € 27.653,94 (3,5%) aplicados em custos administrativos.

Para um maior entendimento, apresentamos, em anexo, os gráficos de distribuição por tipologia representando cada setor, bem como os beneficiários diretos. (Anexo: paginas 92 e 93)

### **1.7 - Os conceitos da EdC chegam à fase adulta (20 anos de história)**

Luigino Bruni, professor de Economia Política da Universidade Milão Bicocca (Itália), há alguns anos, estuda o Projeto da Economia de Comunhão. Numa pequena entrevista declarada a Daniel Fassa, da Revista Cidade Nova 2011, o economista afirma que se não existir a inclusão das pessoas no ambiente mercadológico, esse mercado não funciona.

Em maio deste ano, a EdC completou 20 anos e Luigino Bruni fez uma avaliação da existência do projeto e aponta suas futuras perspectivas.

Para Bruni (2011) o principal resultado é o fato de o Projeto continuar vivo e seguindo adiante. Comenta ele: “Vinte anos é muito e haveria todos os motivos do mundo para simplesmente dizer este é um projeto que não funcionou” e desistir, porque a economia é complexa, a realidade mudou muito em vinte anos. Tivemos

crises, a globalização se acelerou... Portanto, o fato de que ainda sigamos adiante, que as empresas resistam, que haja entusiasmo e que exista uma corrente de pensamento em torno da EdC, parece-me o principal resultado”.

Já no âmbito econômico, ocorreu o impacto das empresas na realidade social, do lucro, dos projetos de desenvolvimento. Várias foram as organizações que aderiram ao projeto, sem mesmo ter uma ligação com Movimento do Focolares.

A satisfação do professor é aparente quando cita a projeção de empresas alcançadas pelo Projeto, o número de pessoas assistidas pela EdC e a dedicação daqueles que assumiram o compromisso de manter uma atividade econômica empresarial pensando nos pobres. A frase que expressa tal satisfação é: “De fato, a beleza da EdC é que não é apenas uma iniciativa ocasional, mas sim algo que diz respeito à vida de todos os dias. Portanto, exige muita energia, força e paixão para seguir adiante.”

De fato, a EdC é vista por ele como sendo uma semente. “Hoje nós não vemos a árvore, só a semente. Se a semente não morre, não se transforma, fica sozinha e não serve para nada. Se, ao invés, se transforma, consegue salvar seu DNA e se tornar uma árvore onde muitos pássaros podem pousar. É necessária certa morte, apropriada transformação para que as atuais 800 empresas passem a ser oito mil, 800 mil no futuro, para que todos aqueles que acreditam em uma economia nova possam unir-se a nós.” A busca é cumprir o anseio da fundadora Chiara Lubich, ou seja, gerar através da EdC um mundo sem pobreza, um mundo mais justo onde as pessoas possam se sentir úteis no meio em que vivem.

Luigino considera que é importante aumentar o número de pessoas ajudadas e mudar o modo de fazer economia no mundo. Para ele uma coisa é ligada a outra. “Creio que as duas coisas são importantes. Não basta reduzir o número de pobres se você não muda a economia, mas também não é suficiente mudar a economia se as empresas não se tornam instrumentos de redução de pobreza”.

Na visão do professor Bruni, as principais características de um empreendedor da EdC são: ser inovador, gerar riquezas, ser alguém humilde que sabe colocar-se em questão, ser irmão e não somente pai, criar comunidade e gerar as condições para que a empresa siga adiante mesmo na sua ausência.

Qualquer empreendedor ou empresário pode aderir ao projeto da EdC. Luigino defende que é muito mais fácil implantar esses princípios para quem está começando a empreender do que tentar mudar uma cultura organizacional já existente.

A EdC é vista no meio acadêmico como apenas um projeto ramificado ao lucro empresarial. Porém, estudiosos da economia, como Luigino, estão se empenhando para conseguir que tal Projeto seja considerado uma ciência e não apenas um pensamento para uma nova economia.

Ele sempre enfatiza que as pessoas devem estar incluídas no sistema econômico, não por meio de esmolas, mas por meio de produção. Ressalta algumas correntes econômicas surgidas ao longo das últimas décadas, como por exemplo, a própria EdC, com partilha do lucro, e o Microcrédito no campo do empreendedorismo com a responsabilidade de produzir e não simplesmente de receber ajuda.

## **Capítulo 2 - O Microcrédito de Yunus Muhammad - Bangladesh**

Antes de entrar no mérito do Microcrédito, objeto de estudo deste capítulo, será preciso apresentar o Bangladesh, nação-berço deste feito idealizado pelo economista bengali Yunus Muhammad. Este país tem passado por grandes transformações, após a inserção desta ação de conceder empréstimo para uma das populações mais pobres do mundo.

### **2.1. Um país chamado Bangladesh**

A República Popular de Bangladesh é um país situado ao sul da Ásia tendo como capital a cidade de Dhaka. Seu território possui uma extensão de 144.000 km<sup>2</sup>, que se comparado, é quase do mesmo tamanho que o estado de Amapá no Brasil. Da sua totalidade, 133.910 km<sup>2</sup> estão em área terrestre e 10.090 km<sup>2</sup> são formados por águas. Com poucas elevações acima do nível do mar, Bangladesh tem grandes rios em todo seu território. Possui uma costa de imensa selva pantanosa e uma planície formada pelo Delta dos rios Ganges, Brahmaputra e Meghna e seus afluentes. As terras de aluvião de Bangladesh são muito férteis, apesar e também por causa das inundações e da seca.

As únicas montanhas fora da planície são os trechos de colinas de Chittagong, cidade do economista Yunus Muhammad. Próximo ao trópico de Câncer, Bangladesh tem um clima subtropical de monções, caracterizado pela temporada de intensas chuvas anuais, temperaturas moderadamente calorosas e uma grande umidade. Os desastres naturais como inundações, ciclones tropicais, tornados e marés em rios são normais no Bangladesh todos os anos. O país é afetado por grandes ciclones, numa média de 16 por década. Em maio de 1991, um ciclone arrasou a costa sudeste, matando aproximadamente 136.000 pessoas. Tais acontecimentos geraram grandes perdas e destruição no país, mas mesmo assim o povo não se tem entregado às catástrofes, mas procurado a cada fato enfrentar a situação para continuar crescendo.

Bangladesh faz fronteiras com os países Myanmar (Birmânia) e Índia, estando listado entre as economias dos chamados "Próximos Onze". Este conjunto de onze países, identificados pelo Banco de Investimento *Goldman Sachs*, possuem grande potencial para figurar nas próximas décadas entre as maiores economias do mundo, junto com os BRICs. Deste conjunto fazem parte Egito, Indonésia, Irã, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Coréia do Sul, Turquia e Vietnam.

Alguns registros demonstram que a região fora habitada desde 700 a.C., mas foi no final do século XV que os navegadores europeus descobriram o local, e em meados do século XVIII a Companhia Britânica das Índias Orientais dominou-a totalmente.

Com a independência da Índia, a região constituiu-se parte do Paquistão, com o nome de Bengala Oriental e parte ficou com a Índia, a Bengala Ocidental. Depois da drástica Guerra de Libertação territorial contra as forças ocidentais em 1971, o Bangladesh finalmente se torna independente.

Sua população estimada atualmente é de 158.570.535 pessoas sendo 98% bengalis e o restante de outras nacionalidades ou grupos tribais. Da totalidade 77.124.250 são homens e 81.446.285 mulheres, desta forma é o nono país mais populoso do mundo, com uma esperança de vida de cerca de 65,7 anos, mesmo com um grande índice de natalidade.(Muhammad 2008). A mortalidade infantil é consequência também da subnutrição, além de uma série de riscos de doenças como diarreia bacteriana, febre tifóide, dengue, malária, raiva, leptospirose, hepatite, entre outras.

O idioma oficial é o bengali, apesar de o inglês ser falado em todo o país. A principal religião em Bangladesh é o Islã, com 83% da população se identificando como muçulmanos 16% da população hindu e o 1% restante pratica outras religiões, incluindo o cristianismo.

Bangladesh tem uma democracia parlamentar, o chefe de estado (atual Presidente Zillur Rahman) não é diretamente eleito, mas é a Assembléia Nacional que define a eleição e o presidente tem poderes limitados.

Em termos econômicos o país possui desenvolvimento de agricultura, mas é dificultada pela elevada fragmentação da propriedade fundiária e pelas chuvas irregulares. Os cereais são produzidos para o consumo interno, sendo o arroz o

principal cultivo industrial. A criação de bois é abundante, porém os animais são para uso no trabalho campestre. Apesar da agricultura operada no país, a subnutrição ainda é crônica no meio do povo bengali.

A economia do Bangladesh, 51<sup>a</sup> maior do mundo, está em estado de crescimento (aproximadamente 5 a 6% ao ano) desde 1996, porém este crescimento é sufocado por excesso de regulamentação e o controle do governo do país. (ANE - Academia Nacional de Economia). Outro fato digno de note é que, devido aos seus grandes depósitos de gás natural e de recursos naturais, cada vez mais investidores estrangeiros entram no país.

A economia bengali gira em torno do setor de serviço, mas a maioria da população está envolvida com o trabalho agrícola, representando a grande diferença social que existe no país. Os investimentos provenientes do exterior, em conjunto com a forte indústria têxtil que vem se estabelecendo na região, continuam a catalisar a economia. Alguns analistas econômicos mantêm a esperança de que Bangladesh vai se transformar num próximo tigre asiático, se continuar caminhando desta forma. Contudo, muito se há de tratar em relação à ineficiência das empresas estatais, o atraso na exploração das reservas de gás natural, a insuficiência de fontes de energia e a demora na implementação de reformas econômicas.

Apesar da metade do Produto Interno Bruto ser gerado pelo setor de serviços, quase 2/3 da população vive da agricultura. O país permanece pobre, superpovoado e governado de modo ineficiente. A escala do PIB se apresenta desta forma: agricultura 18,4%, indústria 28,7%, comércio e serviços 52,9% (estatística 2010).

No início da década de 1970, o chefe do conselho de segurança nacional dos Estados Unidos Henry Kissinger menosprezou Bangladesh dizendo que era um país de causa perdida. Não bastasse a guerra civil pela independência, o povo ainda tinha que suportar os problemas ambientais devastadores e o pouco apoio internacional para que o país pudesse sair da imensa crise em que se achava.

Sendo uma das nações mais pobres do mundo, a alfinetada contribuiu para que começassem uma batalha dentro do país objetivando uma condição de vida melhor.

Bangladesh sofria e ainda sofre com uma população muito pobre, enchentes todos os anos, erosões, desmatamento entre outros problemas do solo, além de

catástrofes climáticas como ciclones, tornados e tsunamis. O efeito estufa também tem trazido grandes problemas para o país, já que o nível do mar tem sido aumentado tornando as inundações constantes. A situação da nação não oferece condições de recursos que possam reduzir os problemas ambientais causados por estes fenômenos, como ocorre nos países mais ricos. Sendo assim, uma vez que uma determinada região é afetada por um acontecimento natural, a população tem que buscar o sustento em outras áreas inseguras, ou seja, não há condição humana para suportar tantos problemas.

A pobreza pode gerar consequências piores, como exemplo, a rivalidade entre os povos ou etnias, a religião, o terrorismo, etc.. Todos estes são fatores agressivos para a humanidade, porém a pobreza impacta diretamente na ameaça à vida, na desesperança, na transgressão de qualquer direito humano. Consequentemente gera atos impensáveis como violência, guerra, suicídio, conflitos, morte, entre outros; tudo porque não há condição mínima de vida (alimento, saúde e ou abrigo).

Mesmo neste cenário tão problemático, surge em Bangladesh, na década de 1970, o chamado Microcrédito para os pobres, idealizado por Yunus Muhammad, que será apresentado logo após a biografia deste economista, e a repercussão positiva na economia bengali hoje.

## **2.2 - A pessoa de Yunus Muhammad – O idealizador do Microcrédito Bancário**

Nascido numa família de classe social significativa, em Bangladesh, em 28 de Junho de 1940, Yunus frequentou a escola da cidade de Chittagong, formando-se em Economia aos 21 anos de idade.

Teve uma boa infância, mas como a mãe ficara doente ainda jovem, desde criança Yunus teve a responsabilidade de ajudar a cuidar dos irmãos mais novos, bem como no negócio da família, pois o pai era um ourives.

Teve algumas experiências positivas ao longo de sua juventude. Estudou nas melhores escolas da cidade, frequentou lugares que a maior parte da população de Bangladesh não podia por causa da situação econômica, até viajou para o exterior. Sempre teve um coração humilde e generoso, reflexo da criação amorosa que a

mãe mantinha com os filhos mesmo com a dificuldade da enfermidade que sofria, ensinando-os a estar longe da soberba no trato com as pessoas.

Yunus foi crescendo em inteligência e ciência, concluindo seus estudos no país. Durante quatro anos lecionou Teoria Econômica na Universidade de Chittagong. Logo após se mudou para os Estados Unidos, como bolsista, para se doutorar na Universidade *Vanderbilt*, em *Norlville (Tennessee)*. O jovem sempre dispôs de uma inteligência admirável tanto que nessa época foi professor-assistente na universidade norte-americana.

Yunus acompanhou todo o processo de conflitos e catástrofes ambientais desde muito pequeno e, depois de um determinado tempo fora do país, resolveu voltar à Bangladesh, no ano de 1972, estimulado pela guerra de independência do povo bengali, com o intuito de ajudar na reconstrução de seu país, mesmo não sendo envolvido em nenhuma área política.

Durante os dois primeiros anos, após sua volta, almejou continuar construindo sua carreira acadêmica no Departamento de Economia da Universidade de Chittagong onde conseguiu o cargo de chefe do departamento, dando aulas.

Após a guerra civil e a ocorrência de algumas catástrofes ambientais, Bangladesch foi tomada pela fome. A miséria se alastrava por todo o país, enquanto Yunus era promovido na Faculdade de Ciências Econômicas.

Nesse período, Yunus percebeu que a teoria econômica que lecionava não fazia parte da realidade em que o país vivia; sentiu desprezo de si mesmo, pois, nada de fato fazia para mudar essa situação. A fome era grande em todo canto por onde passava. Yunus começou a meditar sobre as teorias que ensinava para seus alunos. Seu estudo não fazia valer seu ideal, uma vez que não era aplicado na sociedade, para mudar os fatos.

A Universidade em que lecionava ficava situada próximo ao povoado de Jobra, local onde começou a fazer algumas experiências de melhoria de vida para a população. Juntamente com alguns de seus alunos que o auxiliavam na comunicação, iniciou um levantamento de dados a respeito das famílias: do que precisavam, o que possuíam ou não. Foi feita uma análise simples para saber como aqueles jovens estudiosos poderiam ajudar, logo de imediato, um povo sofrido, pobre e faminto.

A produção agrícola era o sustento de muitas famílias e por consequência das enchentes, ciclones, inundações, as pessoas perderam tudo o que tinham. Sem plantação, mais gente estava morrendo de fome, o governo era ineficiente e a ajuda internacional não era satisfatória, principalmente por causa da crise do petróleo em 1973, que abalou vários países.

A primeira experiência que Yunus fez foi criar um programa de produtividade agrícola por meio da irrigação, com os camponeses daquela região, administrado por uma associação formada por eles e o economista Yunus.

O projeto deu certo, muitos aldeões foram beneficiados a agricultura continuou como sustento das famílias; mas nem todos eram donos de terra e nem possuíam alguma plantação. Nesse momento Yunus percebeu que muito ainda tinha que fazer. Outras pessoas viviam do artesanato, de esmolas, ou nada tinham, nem mesmo um local digno para morar. Como sobreviveriam sem alimento? E a moradia péssima, no que poderia ser melhorada? Quanto à saúde, que seria daquele povo? Morte e morte por todo o lado. Essas eram algumas indagações que Yunus se fizera diante de tanta dificuldade.

O contato com a população era difícil, por ser um país muçulmano. As conversas, principalmente com as mulheres, tinham que ser mais respeitadas possível, e aproximação dos alunos era um fator bastante favorável neste sentido. O professor também sempre teve uma característica amável ao tratar as pessoas, procurando ser paciente e calmo, conquistando com carisma os moradores que com ele tinham contato.

O trabalho dele foi analisar e entender como melhorar a vida do povo, que apesar dos problemas, as pessoas eram esforçadas. Foi a partir dessas experiências vividas com os aldeões que surgiu o “Microcrédito para os Pobres”.

### **2.3 - O Nascimento do Microcrédito**

Na cidade de Jobra, Yunus conheceu uma jovem chamada Sufiya Begum apesar de sua timidez e receio de falar com um homem, por causa da religião e cultura do país, conseguiu transmitir para o economista o grande problema que afetava sua vida, porém continuava sobrevivendo.

Morava com os filhos e o marido numa pequena cabana de palha. O chefe da casa era operário diarista e quando tinha algum serviço trazia míseros centavos para casa. Ela, por sua vez, confeccionava, ali mesmo no lar, pequenos bancos de vime. Contudo pouco lucrava com seu trabalho.

A mulher dependia do empréstimo de agiotas para adquirir a matéria-prima, base do seu artesanato. Estes eram chamados de “*paikiris*” e somente emprestavam o dinheiro se ela vendesse seus produtos para eles, por um preço que estabeleciam, sem deixar nenhuma escolha à moça.

No final do dia, recebia um valor, em média de dois centavos de dólar. O juro do credor era altíssimo, pelos cálculos de Yunus chegavam a 14.200% a.a. considerando que os credores exigiam 10% por semana em juros compostos.

Yunus ficou estarrecido e chegou à conclusão que o chamado efeito *Trickle Down*<sup>4</sup> em vez de motivar o crescimento econômico dos pobres, acabava por motivar os ricos a serem mais ricos mediante as taxas altíssimas de juros. Considerava mais um trabalho escravo. A mulher não era a única que se relacionava com os agiotas, até porque o banco local negava qualquer empréstimo a alguém, sem garantia para oferecer em troca.

Mediante a história de Sufiya e junto ao grupo de estudantes, Yunus resolveu fazer um levantamento para saber qual o valor do crédito que aquelas pessoas do povoado precisariam para se livrarem dos atravessadores. O valor foi irrisório e do próprio bolso emprestou o equivalente a 27 dólares a 42 vítimas dessa situação, sugerindo que somente devolvessem o valor quando tivessem condições financeiras para fazê-lo. Em troca deviam se livrar dos agiotas.

O professor notou a felicidade imediata daquelas pessoas, que em pouco tempo fizeram a devolução do dinheiro. A ação devolutiva, por parte dos aldeões fez com que Yunus enxergasse aquelas pessoas de outra forma, diferente de como os bancos as viam.

Os bancos não emprestavam o dinheiro sem uma garantia, e o analfabetismo era um empecilho ao acesso a toda burocracia bancária. A experiência de Yunus

---

<sup>4</sup> O efeito trickle-down é uma comercialização que afeta muitos bens de consumo. Inicialmente um produto pode ser tão caro que só os ricos podem pagar. Ao longo do tempo, no entanto, o preço vai cair até que é barato o suficiente para o público em geral para compra. Origem: Wikipédia.

provou um conceito contrário, ou seja, a pobreza não era impedimento para garantia do pagamento.

Yunus tentou por várias vezes que o banco da cidade concedesse esses empréstimos para que o povo conseguisse sair daquela vida miserável. Após longas e cansativas tentativas propôs ser o fiador dos moradores, já que o banco não se dispusera a fazer empréstimo a eles. O banco aceitou a proposta de Yunus. Dessa forma, pegava o dinheiro com o banco, emprestava aos pobres que por sua vez, pagavam pontualmente e ele devolvia à instituição em tempo determinado.

Os alunos de Yunus davam todo apoio que ele precisava e trabalhavam voluntariamente como aprendizes de banqueiros. M. Anisuzzaman, diretor administrativo do Banco *Krishi* (Agrícola) de Bangladesh passou a observar o feito de Yunus e lhe ofereceu ajuda. Seus alunos tinham um emprego formal e atuavam por meio do Projeto de *Filial Experimental Grammen* do Banco Agrícola, juntamente com o professor. Grameen tem o significado de povoado, aldeia, vilarejo, a terminologia foi usada pela primeira vez nessa situação.

Mesmo o projeto dando certo, outros bancos não acreditavam nele não ajudavam na proposta de Yunus. Declaravam que tal feito estava fadado à falência, que logo essa utopia iria acabar.

Os especialistas políticos e economistas acreditaram que não deveriam emprestar aos pobres, pois esses seriam incapazes de poupar, investir ou pensar em autonomia econômica financeira, o contrário do que Yunus propunha, tanto que formulou o Microcrédito.

No início, Yunus foi considerado louco por tamanha audácia de emprestar a quem não tinha alguma garantia para oferecer. Yunus não parou seus experimentos, foi ganhando reconhecimento e, em 1983, nascia a instituição bancária de fato, chamada de *Grameen Bank* (Banco do povoado ou Banco dos Pobres).

## **2.4 - O conceito de Microcrédito**

Segundo alguns estudos, o termo microcrédito fora usado no ano de 1846 por um pastor chamado Raiffeisen, da Alemanha. Ele criou uma Associação do Pão, que cedia farinha de trigo para alguns camponeses que se encontravam endividados

com agiotas, para que com a fabricação e comercialização, pudessem aumentar suas rendas e pagar suas dívidas.

Para Yunus, o termo microcrédito não cabe à experiência citada acima, até porque, ele considerava que o conceito da palavra está dirigido a populações pobres, com absoluta falta de acesso ao crédito, caracterizando uma política de combate à pobreza e não exatamente uma política de financiamento.

Yunus observa que o termo microcrédito não existia até a década de 1970, ele criou-o através da experiência pioneira conhecida no mundo.

Esse fenômeno foi tão rapidamente conhecido que, no ano de 1973, nas cidades de Salvador e Recife, iniciaram-se as primeiras experiências brasileiras de microcrédito, no mesmo formato que hoje se conhece através do Programa Uno.

No formato atual dos bancos, existem várias espécies de microcrédito: o tipo original baseado na concepção de Yunus, destinado a reduzir a pobreza, e o tipo comercial (modelo brasileiro), um instrumento de financiamento para microempresas e empresários informais.

Numa frase Yunus protesta em defesa do uso da palavra microcrédito:

“a palavra tem sido usada para significar qualquer coisa para qualquer pessoa (...) (Isso) vem criando muitos mal-entendidos e confusões na discussão sobre microcrédito (...). Eu proponho que se dêem títulos distintos para os diversos tipos de microcrédito (...)" Yunus

## **2.5 - Banco Grameen ( O Banco dos Pobres)**

Como foi citado anteriormente, o Banco Grameen foi instituído no ano de 1983. Foi o primeiro banco do mundo especializado em microcrédito. Visava erradicar a pobreza da população mundial. Adquiriu formalmente o *status* de Banco (instituição financeira) na década de 1980, através de uma lei especial promulgada para a sua criação.

Atualmente, opera como uma empresa privada autossustentável e gerou lucros em quase todos os anos de sua operação, exceto nos anos 1991 e 1992,

quando o Banco fez alguns investimentos na instituição. Localizado em Bangladesh, conta com 2.185 agências e, desde sua fundação, emprestou o equivalente a 5,72 bilhões de dólares para 6,61 milhões de mutuários, dos quais 97% são mulheres. Atende a 71.371 vilarejos e possui um quadro de 18.795 funcionários remunerados. Sua taxa de inadimplência é baixíssima, ao contrário dos mais bem administrados bancos comerciais do mundo, o Banco Grameen recebe de volta 98,85% dos empréstimos que concede.

O objetivo da criação do Banco é principalmente acabar com a pobreza através do Microcrédito. Yunus foi o presidente, por muitos anos, da instituição e o Governo de Bangladesh seu principal acionista. No ano de 2006, o Banco Grameen ganhou o Prêmio Nobel da Paz, juntamente com seu fundador, pelo sucesso alcançado na acessibilidade de melhoria de vida, para as pessoas tomadoras de empréstimos, através do Microcrédito.

Objetivos principais do Banco Grameen:

- Prover serviços bancários aos pobres;
- Eliminar a exploração dos pobres, tradicionalmente feita pelos agiotas;
- Criar novas oportunidades de autoemprego para a vasta população desempregada do país;
- Trazer a população carente, especialmente as mulheres mais pobres, para o seio de um sistema orgânico, que elas possam compreender e administrar sozinhas;
- Reverter o antigo círculo vicioso de "baixa renda, baixa poupança e baixo investimento", injetando crédito para torná-lo um círculo virtuoso de "investimento, maior renda, maior poupança".

O Grameen baseia-se na premissa de que a pobreza não é criada pelos pobres, ela é criada pelas instituições e políticas que a cercam. Para eliminar a pobreza, é preciso programar as mudanças apropriadas nas instituições e políticas necessárias para facilitar a diminuição da miséria. No caso do Grameen, é uma instituição que visa atender às necessidades financeiras dos pobres, criando condições razoáveis de acesso ao crédito, facilitando aos mesmos a desenvolverem

suas habilidades profissionais, para obter uma renda maior a cada ciclo de empréstimos.

O banco de Yunus rejeita a metodologia bancária tradicional; o Grameen cria uma metodologia própria. Adotou-se um princípio de que o banco é que deve ir às pessoas e não elas procurarem a instituição. Dessa forma os serviços bancários são oferecidos nas casas das pessoas que podem obter empréstimos sempre, uma vez pago o anterior.

O pagamento dos empréstimos deve ser feito em pequenas prestações semanais ou bi-semanais, em que o tomador tem o direito a mais de um empréstimo concedido simultaneamente, sendo o serviço vinculado ao plano de poupança. Sendo uma instituição sustentável não há como cobrar as taxas bancárias básicas pelos empréstimos concedidos que sobre os empréstimos variam até 12%.

Para esse banco, as pessoas são providas de habilidade empreendedora; o que falta é oportunidade para colocarem em prática as qualidades que não são vistas, pelo fato de terem um *status* social desfavorável, no meio em que vivem. Prova disso são as inúmeras mulheres pobres que desenvolveram estas características, após se tornarem tomadoras do Microcrédito.

O Microcrédito do Banco Grameen tem por objetivo promover o crédito como um dos direitos humanos, e sua principal missão é auxiliar as famílias pobres a saírem da pobreza. São oito os princípios do Banco Grameen para que uma pessoa seja tomadora de crédito, conforme citado no livro de Spiegel (2010):

Fator de Garantia e Vontade de Sobreviver;

Quando Yunus retornou dos Estados Unidos para Bangladesh deparou-se com uma situação difícilíssima: a população sofria com a fome aguda em todo o país. Contudo ele observou que, mesmo em meio ao problema aparente, as pessoas revelavam uma força interior para continuarem sobrevivendo. Aqueles que ainda tinham algo para comercializar, tentavam vender seus produtos; outros que nada tinham, nem mesmo dinheiro para comprar algo, davam um jeito de plantarem alguma coisa ou ofereciam sua mão de obra em situações de trabalho escravo.

Em cada ato, Yunus podia perceber que aquelas pessoas tinham vontade de sobreviver e, por isso, tentava de alguma forma se dedicar a alguma coisa que pudesse promover pelo menos o alimento da família.

Essa característica foi um dos fatores primordiais para que uma pessoa pudesse ser tomadora do microcrédito. É difícil acreditar que alguém sem força de vontade possa conquistar algo, ou possa conseguir alguma coisa. Certo que nem todos daquele país possuem esta característica, mas parte da transformação de Bangladesh fora impulsionada por esta vontade de continuar batalhando pela vida.

- Fator de segurança: Mulher:

As mulheres bengalis sempre sofreram com o preconceito sexual por pertencerem a uma nação muçulmana. Além da discriminação dentro da religião, muitas são maltratadas dentro dos lares. Outro fato é o comércio internacional de mulheres que faz muitas delas se renderem a esta proposta cruel para se livrarem da miséria. Mesmo diante da dificuldade, a maioria delas possui vontade de sobreviver. Yunus viveu muitas experiências com elas, concluindo que são mais merecedoras do microcrédito que os homens.

Geralmente quando um homem consegue algum valor em dinheiro, gasta rapidamente sem planejar, às vezes, num consumo rápido e transitório desnecessário para a família. A mulher bengali por sua vez, quando consegue alguma quantia em dinheiro pensa nos filhos, no lar, no esposo e em muitas ocasiões nem se coloca como a pessoa que tenha necessidade. São mais atenciosas, pensam sempre nos filhos e demonstram maior resistência ao trabalho, além de serem mais aguerridas na busca para uma melhoria de vida.

As mulheres conseguem restituir seus empréstimos com mais responsabilidades que os homens. Yunus percebeu nelas um forte espírito empreendedor e a maioria das tomadoras conseguiam uma liberdade financeira maior frente aos homens. Conquistaram respeito dentro e fora do lar; por esse motivo são maior número de clientes que os homens.

- Fator segurança Grupo:

As experiências de crédito de forma coletiva passaram por algumas conturbações. Porém o Banco Grameen conseguiu fixar este fato à garantia para

a tomada do microcrédito. No lema “Sozinhos, os pobres sentem-se expostos a perigos de toda espécie. O pertencimento a um grupo, ao contrário, transmite-lhes o sentimento de segurança” e influenciou a atitude do Banco a conceder créditos a alguém somente quando fizesse parte de um grupo.

O grupo deve ser formado por cinco pessoas que devem desejar obter o crédito e ser responsável um pelo outro. Dois tomadores adquirem um baixo crédito inicial (aproximadamente 15 dólares) e após o pagamento do empréstimo no tempo determinado, outros dois conseguem a concessão do serviço. A responsável pelo grupo é a última pessoa a receber. Caso alguém não cumpra o pagamento ao banco, o restante do grupo perde o direito ao empréstimo. Desta forma o grupo estuda como criar juntos melhores condições para aplicação do dinheiro, ou seja, se ajudam mutuamente, principalmente na tomada de uma decisão, o que o Grameen considera um grupo de consultoria. Onde existir vários grupos, um acaba por motivar o outro. Os grupos também são acompanhados por funcionários do Banco que além de orientarem, ajudam nos possíveis problemas que possam surgir.

- Fator segurança: Transparência, confiança.

Bangladesh é um dos países mais corruptos do mundo e a integridade pessoal é uma característica que deve estar tanto nos membros do Banco Grameen quanto nas pessoas que se tornam seus clientes.

A transparência do negócio efetuado deve ser total. A maior parte das tomadoras de crédito é analfabeta. Passam por um treinamento onde aprendem a escrever seus nomes e a contar dinheiro. Toda a negociação é realizada em lugares públicos (pagamentos, recebimentos, acordos,...), justamente para que não haja especulação de que estão sendo enganadas pelo Banco. Tal transparência gera confiança em relação ao Grameen e internamente nos grupos.

- Fator segurança: Simplicidade

Yunus não se conforma com os inúmeros formulários que um banco tradicional apresenta a uma pessoa para que preencha antes de passar por avaliação, e em alguns casos, nem consegue os serviços oferecidos pela instituição.

A população bengali é praticamente analfabeta (75%), portanto é inviável apresentar aos clientes tantos papéis para conseguirem um simples empréstimo.

Os clientes de um banco tradicional quase nunca leem o que está escrito nos contratos de concessão, quanto mais quem não tem estudo algum para isso.

É apresentado ao tomador de crédito um sistema simples para que ele possa entender como adquirir seu empréstimo, bem como pagá-lo, nas seguintes condições:

- O prazo de vigência do empréstimo, via de regra, é de um ano;
- A amortização ocorre semanalmente, a partir de uma quantia fixa;
- A amortização inicia-se uma semana após a concessão do empréstimo;
- A taxa de juros está definida em 20% em 50 semanas;
- A amortização corresponde a 2% semanais, durante 50 semanas, ou seja, 50x2 equivale à amortização total após o final estipulado (exemplo: empréstimo de 1000 takas = 4 takas semanais)

Para os bancos ocidentais, o Grameen cobra taxas de juros exploratórias, mas segundo Yunus esta taxa não sobrecarrega os pobres, tanto que o valor agregado, possibilitado pelo crédito, permite um ganho que, após a dedução dos juros, é muito mais alto do que quando as pessoas tratavam com os agiotas.

- Fator segurança: Variedade

Este também é um fator que estimula a restituição do crédito por parte de seus clientes. Para Yunus o sistema projeta um espaço maior para as muitas tentativas de encontrar uma solução melhor para qualquer problema. As opiniões e novos procedimentos são até estimulados pelo Banco.

Existem na instituição os *trainees* que atuam primeiramente na observação do funcionamento do banco e suas filiais. Devem apontar críticas e projetos de soluções junto aos problemas encontrados, de forma a convencer a cúpula do Grameen que as mudanças propostas trarão melhoria para a instituição e principalmente para o cliente.

Outro diferencial é o fato de que determinados funcionários do Banco fazem um acompanhamento com seus clientes, indo muitas vezes, aos lares para acompanharem de perto a situação dos tomadores de crédito.

- Fator segurança: Ética

Muitas tomadoras de crédito passaram por processos dolorosos em suas experiências pós-empréstimo. Num determinado tempo, algumas delas se juntaram, e por iniciativa própria criaram regras que estabeleceriam, eticamente, a seguridade do microcrédito, desenvolvido num ambiente social fecundo, livre de equívocos conturbantes, como exemplo, o endividamento familiar originado pela prática tradicional do dote.

Foram criadas pelas tomadoras de crédito 16 regras que devem ser mantidas por todas de forma voluntária, lembrando que o Banco Grameem nada interfere nesta atitude:

- Respeitar e aplicar em todo o âmbito de suas vidas os princípios do Banco Grameem (disciplina, unidade, coragem e trabalho árduo);
- Levar bem-estar à família;
- Não morar em casas com más condições, conservar seus lares e se esforçarem para construir casas novas, o mais breve possível;
- Plantar legumes durante todo o ano, aplicando o consumo ao lar e vendendo o que sobrar;
- Durante o período do cultivo, plantar e cultivar o máximo de mudas possíveis;
- Planejar família pequena, reduzindo os gastos e cuidando da saúde;
- Oferecer educação escolar aos filhos, garantindo recursos para pagá-la;
- Manter os filhos limpos e cuidar do meio ambiente;
- Construir latrinas para utilização com maior higiene;
- Beber água de chafariz. Se não houver um, ferver a água e purificar com alume;
- Não tomar nem oferecer dotes para os casamentos de suas filhas, bem como não promover o casamento de crianças;
- Não cometer injustiças nem permitir que sejam cometidas;
- Fazer juntas, umas às outras, novos investimentos para aumentar os ganhos;

- Estar dispostas para se ajudarem mutuamente;
- Caso haja a quebra de disciplina em algum dos centros formados pelos grupos de tomadoras, se reunir-se para tentar restabelecê-la;
- Introduzir a educação física nos centros, participando também em coletividade de todas as atividades sociais.

Tais regras geraram uma melhoria de vida não somente para as tomadoras de crédito como também a muitos que não eram clientes do Banco Grameem, mas viviam próximos a estas mulheres.

- Fator segurança: Consequência

É bem clara a posição de Yunus em não concordar com esmolas dadas aos pobres. Para ele as pessoas têm capacidade de gerar renda, uma vez que a elas é dada tal condição, e têm a obrigação de pagar suas dívidas. É importante que ocorra a restituição dos empréstimos ao Banco; desta forma diminui a inadimplência e a instituição consegue se sustentar. O Banco não é uma entidade filantrópica; precisa se manter para continuar no objetivo pelo qual foi criado. Um cliente que não quita suas dívidas fica restringido a novos empréstimos, mas, em contra-partida o Grameem tenta encontrar, da melhor forma possível, uma solução para que esse cliente em dificuldade pague seus empréstimos, mantendo a autonomia financeira e continuando a planejar sua vida.

Para Yunus um tomador de crédito tem que ser tratado igualmente aos outros, e precisa entender que deve devolver o valor que a ele é concedido. Importante ressaltar que as pessoas que conseguem o Microcrédito se veem na obrigação de restituir o dinheiro e se sentem importantes por conquistar a dignidade pela condição que lhes foi concedida. No livro de Spiegel (Muhammad Yunus, o banqueiro dos pobres-2010), chama a atenção a originalidade de uma cliente chamada Monsura Beginn: “Não sou uma pedinte”. No mesmo parágrafo, Yunus completa: “Elas não precisam mais esperar pela caridade dos outros. Percebem que, enfim, podem conduzir suas vidas com autonomia. Essa é uma sensação arrebatadora” . . .

O Banco criou um parâmetro para medir a situação de uma pessoa, separando a miséria da pobreza. Algumas características sociais demonstram

quando uma família consegue alcançar uma melhoria de vida, saindo de um degrau para outro, segundo publicação em seu próprio livro (Muhammad - 2008).

Na concepção do Banco as pessoas que conseguiram sair da pobreza são as que se encontram nas seguintes condições:

- A família vive em casa de zinco, a residência deve valer no mínimo 25 tacas (equivalente a 370 dólares) e dorme em camas ao invés de dormir no chão;
- A água usada na casa é pura, encanada, ou fervida, ou tratada quimicamente;
- Os filhos são saudáveis física e mentalmente, e aqueles acima de seis anos de idade frequentam a escola do ensino fundamental, ou já terminaram esta fase;
- As casas têm privadas sanitárias;
- A família tem roupas para suprir as necessidades, principalmente no inverno, bem como cobertores e mosquiteiros;
- Possuem uma fonte adicional de renda familiar, como cultivo de pomar, horta, etc., à qual podem recorrer numa necessidade;
- Possuem uma poupança familiar de pelo menos cinco mil tacas (cerca de setenta e cinco dólares);
- Os membros da família fazem três refeições substanciais por dia, durante todo o ano;
- A família tem condição de arcar com medidas para melhoria na saúde, principalmente em casos de doença;
- Quando alcançam a prestação semanal de 200 tacas (equivalentes a 3 dólares) para liquidação do empréstimo.

## **2.6- Bangladesh pós o Banco Grameen**

O país tem funcionado há quase 40 anos como um laboratório contínuo deste feito, já que, pelo Microcrédito estabelecido no Banco Grameen, a transformação do

pensamento, tanto na classe que toma o serviço quanto na classe empresarial, tem sido cada vez mais de ascensão, pelo trabalho desenvolvido pelo Banco Grameen, garantindo melhoria de vida à população e da diminuição da pobreza.

A diminuição na pobreza de 74% entre 1973 e 1974, para 40% em 2005, a proporção tem sido de 1% a cada ano. Talvez esta porcentagem seja insignificante para alguns, mas, em se falando da população bengali, a melhoria de vida tem sido enorme naquele país.

Uma das metas de desenvolvimento do milênio é reduzir a pobreza pela metade até o ano de 2015 e, quando se fala de Bangladesh, pode-se perceber que o país caminha para atingir tal meta, mesmo a passos lentos.

A queda da pobreza, a reestruturação econômica, a geração de empregos, entre outras características sociais, fazem com que, mesmo sendo ainda um país pobre, Bangladesh ocupe a 3ª posição na economia do Sul da Ásia, atrás apenas da Índia e do Paquistão.

Bangladesh tem tido uma diminuição no crescimento populacional antes desenfreado. Ocorre atualmente a melhoria na assistência médica, bem como a posição do número de mulheres que são tomadoras do microcrédito bancário, podendo cuidar de suas famílias um pouco menores, oferecendo uma melhor educação aos filhos.

Programas de controle de natalidade e mortalidade também foram instituídos no país, e o número de mortes infantis que antes era de 100 por mil, caiu para 41 entre os anos de 1990 e 2006.

O controle da vacinação nas crianças foi um dos contributos dessa queda de mortalidade. A desnutrição infantil ainda é um problema sério, mas pelo menos baixou de 70% (1985-1986) para 43% em 2004.

A educação também gerou destaque; as taxas de alfabetização aumentaram de 26% em 1991 para 41% em 2002. Na década de 1990 foi triplicado o número de crianças frequentadoras do ensino médio: o número de meninas foi maior que o dos meninos, reflexo do novo comportamento das mulheres bengalis tomadoras dos serviços do Banco Grameen.

As mudanças sociais e culturais também estão colaborando para esse crescimento econômico em Bangladesh. A velha cultura religiosa que fazia a mulher ser submissa na sociedade tem recebido uma grande diferenciação. As mulheres estão conquistando um espaço privilegiado que antes, no seio da sociedade bengali. A maioria das meninas prefere investir nos estudos e buscar uma melhor condição de vida a casar-se cedo ou se submeter ao comércio internacional de mulheres. A família tem contado com atitudes liberais nos aspectos de relacionamento, dentro dos lares.

Em se falando de moradia, as famílias estão melhorando na qualidade de vida para seus lares. Os serviços de saneamento básico e de telecomunicações têm apresentado um bom significado nos últimos anos. Em 2000 18% dos lares possuíam telhados de palhas, caindo para 71% em 2005.

A telefonia celular cresceu acentuadamente num percentual de 1,8% de usuários em 2000, aumentando para 14,2% nos dias de hoje.

No aspecto ambiental, Bangladesh ainda sofre com os fenômenos da natureza, porém a cada nova vivência, o país procura recuperar-se, principalmente porque a economia aparente tem oferecido algum suporte de melhoria nos recursos de situações emergenciais, como exemplo o sistema de alerta e abrigo anticiclone. Um caso típico foi a enchente de 2004 que teve um impacto desprezível no crescimento do país.

Quanto ao padrão de vida, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) apresentou um aumento de 45% entre os anos de 1980 a 2004. Mesmo que os números demonstrem desenvolvimento, o fator pobreza está ainda longe de ser totalmente resolvido, mas as tendências sociais e econômicas estão caminhando na direção certa.

Para que essa conquista seja mais satisfatória, o Governo espera que os países exportadores e importadores também tenham essa perspectiva. Numa citação bem clara, num dos livros do economista Yunus Muhammad, Bangladesh exportou 3,3 bilhões em produtos para os Estados Unidos, no ano de 2006, pagando meio bilhão em impostos. Este mesmo valor fora pago por um país europeu que exportou também aos Estados Unidos, mas para um montante de 54 bilhões de dólares em produtos nesse mesmo ano. Frente a esta realidade, a conclusão de

Yunus é que os outros países não estão colaborando para que Bangladesh avance no crescimento econômico.

O país espera dos países estrangeiros o cumprimento do compromisso acordado sobre as metas de desenvolvimento do milênio em 2000. Uma delas seria conceder aos países menos desenvolvidos o acesso aos mercados mundiais sem taxas de importação. Se tal compromisso fosse cumprido, muito ajudaria o desenvolvimento de Bangladesh e de outros países pobres.

Outro problema é a crescente imigração de pessoas que vão para outros países, em busca de uma melhoria de vida. A recepção dos estrangeiros não tem sido uma das melhores para o povo bengali; além disso, muitos se criam grandes dívidas para com os atravessadores, além de se sujeitarem, em alguns casos, ao trabalho escravo ou sub-humano.

A população bengali muito teve a ganhar depois que o Microcrédito foi gerado no país. Yunus tem promovido uma condição melhor de vida às pessoas através, não somente dos empréstimos concedidos pelo Banco Grameen como também levado acesso fácil à população de suas outras empresas, geradas para promover emprego e acessibilidade de produtos e serviços ao povo de Bangladesh, além de promoção de atitudes sociais para melhoria da vida da população. Entre as empresas que surgiram após o Banco Grameen, seguem as principais que deram uma alavancada na vida do povo bengali:

- Fundação *Krishi* Grameen, criada em 1991, para experimentação e treinamento para o aprimoramento da prática e produção agrícolas;
- Telecomunicações Grameen, nascida em 1995, oferecendo serviços de telecomunicação para os pobres;
- Grameen *Cybernet*, surgida em 1996, no intuito de manter um provedor de serviços de internet para a população pobre;
- Telefonia Grameen implantada, no mesmo ano da *Cybernet*, oferecendo serviços de telefonia celular (aluguel de minutos telefônicos);
- Grameen *Kaylan*, surgida também em 1996, com planos de serviços de saúde e previdência para os membros e equipe do Banco Grameen;

- Grameen *Shikkha*, em 1997 com o propósito de oferecer bolsa de estudo e outras assistências educacionais aos estudantes pobres;
- Serviços de Assistência Médica Grameen, no ano de 2006, oferecendo serviços de assistência médica aos pobres;
- A Grameen Danone de 2006, uma parceria de sucesso com a empresa alimentícia que atualmente oferece aos pobres alimentos nutritivos diferenciados e a preços acessíveis.

Eis algumas das mais importantes empresas do grupo, existem outras, com impactos menores que estas, mas que também contribuem para o desenvolvimento do país.

## **2.7 - O Banco Grameen abre suas portas os universitários**

Yunus e o Banco Grameen muito têm feito pela população de Bangladesh. Com certeza, juntos tiveram que enfrentar diversos problemas para conquistarem o patamar de hoje. É bem certo que, ainda na década de 1970, Yunus foi muito criticado por criar um projeto inverso ao modelo dos bancos tradicionais. Foi preciso muito trabalho e dedicação na continuação do microcrédito para provar que a experiência daria certo. Também ganhou olhares do Banco Central do país e até alimentou algumas brigas com o Banco Mundial durante algum tempo. Em um determinado momento, Yunus foi acusado de se aproveitar das tomadoras de crédito, como também de relacionar sua atitude com a religião. Mas foram problemas resolvidos às claras.

Yunus sempre agiu de forma verdadeira e aberta, nada tinha a esconder das pessoas, dos clientes, do Governo, e muito menos dos bancos tradicionais. Decidiu abrir as portas de sua instituição para quem quer que fosse. Mas quanto à contratação de um funcionário se posicionava de maneira muito exigente.

Se alguém deseja ser funcionário do Banco, é melhor não ter tido nenhuma experiência com este ramo de trabalho; assim fica mais fácil entender os propósitos do Grameen, e sem vícios bancários anteriores.

Além dos *trainners* que fazem um papel magnífico de crítica para soluções aos problemas apontados, o Grameen tem o acompanhamento da auditoria do país,

bem como do Banco Mundial, onde conseguiu grandes amigos e admiradores por causa do seu projeto que mudou a história de Bangladesh.

Diante dos fatos, o Grameen recebe alunos universitários que desejam conhecer como o banco funciona. Destas experiências com estudantes, apresentaremos a seguir um resumo sobre a entrevista com um jovem brasileiro que pôde de perto acompanhar as atividades do Grameen .

Numa entrevista concedida ao jornalista Iuri Botão do Jornal de Piracicaba, em 15 de março de 2011, pode-se ter uma visão maior sobre a experiência vivida em Bangladesh pelo estagiário Breno Valentini, que por dois meses fez um estágio internacional no Banco Grameen, por causa do interesse à figura de Yunus Muhammad, e do mundo dos negócios sociais.

Por meio de uma organização global de estudantes chamada de AIESEC, que trabalha com o desenvolvimento de liderança mediante intercâmbios profissionais, Breno pôde conhecer muito sobre esta organização em 2009. Conseguiu assumir cargos na diretoria executiva da AIESEC na ESPM (universidade onde se formou) e, logo no ano seguinte, foi eleito presidente para o ano de 2010. No final de sua gestão, passou a procurar oportunidades de intercâmbio pela AIESEC, encontrando, na *intranet* da própria organização, uma vaga no Banco Grameen.

Em Bangladesh pôde se deparar com a forte exploração de mão-de-obra que, para ele, é um dos fatores que intensifica ainda mais a pobreza. Além disso, viu de perto que nas ruas de Dhaka o número de pobres ainda é muito grande. Pôde sentir a diferença que há entre o povo brasileiro e o povo bengali. É claro que por conta da religião, a cultura é bastante diferente da brasileira.

Lá as pessoas se contentam com o pouco que possuem e não se revoltam contra o sistema.

O jovem brasileiro considerou positiva a sua experiência em Bangladesh. A grande produção de tecnologia, a sensibilidade do povo bengali, e a atuação muito simples de eles acabarem com a miséria. Em contrapartida o trânsito caótico e a poluição nas ruas de Dhaka foram os pontos negativos por ele observados. Em alguns casos percorria uma distância de 200 km por dez ou doze horas.

O contato com as atividades do Banco Grameem duravam toda a semana, com uma boa relação com os coordenadores dos projetos e outros intercambistas.

Dividia o apartamento com cerca de 15 pessoas do mundo inteiro, o que trazia uma experiência bastante interessante para a casa. O grupo de quase dez brasileiros intercambistas, foi muito bem recebido pela embaixada brasileira em Bangladesh.

Apesar da dificuldade da língua inglesa, um dos fatos que impressionou Breno Valentini foi que todas as disciplinas nas universidades bengalis são em inglês, diferente do que ocorre no Brasil, país colonizado pelos portugueses, que hoje sofre pela grande influência norte-americana em praticamente tudo.

No Banco Grameen, Breno participou de um programa voltado ao conhecimento sobre o a instituição. A primeira semana foi um preparo e na segunda se dirigiram às vilas bengalis, onde ficam as agências do Grameen, para entender o impacto que o banco causa na vida das mulheres tomadoras de empréstimo.

Nessa experiência, viveu as mesmas condições dos pobres de Bangladesh, visitando suas casas, indo às reuniões dos grupos de tomadores de crédito, vivenciando as necessidades daquelas mulheres, o que gerou conclusões para o banco, a fim de melhorar cada vez mais o modelo. Após algumas semanas os intercambistas são encaminhados para trabalhar nas empresas-irmãs do Banco Grameem, onde produzem relatórios qualitativos que expressam uma visão externa dessas organizações.

Para Breno, a maior dificuldade nessa experiência foi enfrentar a pobreza explícita nas ruas de Bangladesh. As pessoas estão quase morrendo de fome. Afirma ele: “Nós aqui no Brasil, não sabemos o que é pobreza de verdade”. Breno mudou muito por dentro com a experiência adquirida em Bangladesh; o povo bengali ensinou a ele como se manter centrado num ambiente com tantas dificuldades. Observou que, para o povo pobre bengali, Yunus é visto como um herói, apesar das muitas especulações sobre sua sonegação fiscal, a qual nunca foi provada. É uma pessoa comum que conseguiu criar, de um objetivo, diversas realidades, como incluir as pessoas pobres em direitos mínimos humanos de sobrevivência.

De volta ao Brasil formou-se em Publicidade na ESPM em São Paulo, em julho de 2011. Espera num futuro próximo ter seu próprio negócio, com a intenção de fomentar o empreendedorismo social no Brasil e no mundo. Afirmou: “Não adianta querer mudar a forma dos negócios sem antes conhecer os negócios. Não adianta querer mudar o mundo, sem conhecer o mundo”.

Para ele, a implementação do crédito do Grameen precisaria passar por algumas modificações, no caso do Brasil, pois o povo é bem diferente do bengali, tem mais ambições e maior espírito empreendedor.

Eles e outros intercambistas tiveram a oportunidade de conhecer de perto como funciona o Banco Grameen. Yunus conseguiu, além de promover o microcrédito em Bangladesh, sair das terras bengalis e alcançar outras partes do mundo. O projeto do Grameen conquistou a Índia, alguns países da América Latina, bem com as Filipinas, através do Banco Kabayan que será apresentado no estudo de caso a seguir.

## **2.8 - Yunus e Prêmio Nobel da Paz - 2006**

A frase “A pobreza é uma ameaça à paz (Muhammad – 2008) foi o título do discurso que Yunus apresentou quando do recebimento do Prêmio Nobel da Paz em Oslo na Noruega, em 10 de Dezembro de 2006. Feliz com a meta estipulada pelos líderes mundiais na Reunião das Nações Unidas, em 2000 quando audaciosamente estipularam a redução da pobreza até 2015. Mas de repente viu este sonho desmoronar após o ataque do “11 de Setembro” que desmoronou os Estados Unidos. Na visão de Yunus, a guerra contra a pobreza foi direcionada na guerra contra o terrorismo e a proposta das Nações Unidas não tem sido cumprida. Em 2010 a proporção foi de um gasto de aproximadamente 530 bilhões de dólares na guerra do Iraque. Yunus acredita que se se usasse este dinheiro para melhorar a condição humana, ao invés de gastá-lo na compra de armas, seria uma estratégia melhor.

## **Capítulo 3 – EdC e Microcrédito caminham juntos – Banco Kabayan**

Partindo do estudo feito sobre a Economia de Comunhão na Liberdade e o Microcrédito de Yunus Muhammad, será apresentada a seguir o Banco Kabayan objeto de estudo de caso, o qual engloba as duas realidades citadas anteriormente.

Fundado no ano de 1957, na cidade de Batangas nas Filipinas, o Banco Kabayan nasceu no meio rural, conduzido por uma família da região. Numa propriedade familiar rural típica, o banco nasceu para fornecer fundos de repasse aos agricultores e pequenos comerciantes no interior do país.

A terceira geração da família continuou atendendo à população local pelas mãos da atual presidente Tereza Ganzon. Membro do Movimento dos Focolares em seu país, Tereza fora impulsionada, juntamente com sua empresa, a aderir ao projeto de Economia de Comunhão na Liberdade, idealizado por Chiara Lubich.

Foi a partir de 1991 que o Banco Kabayan teve sua realidade de instituição bancária reformulada de maneira muito positiva. Um dos compromissos seria continuar o serviço à comunidade de forma mais ampla, gerando lucros que fossem compartilhados com os mais carentes, um dos propósitos da EdC.

### **3.1 - Kabayan e sua ampliação no Mercado**

O Banco Kabayan conquistou um espaço respeitado e personalizado em meio aos outros bancos do país. Uma das suas características é a de que seus funcionários conhecem cada cliente pelo nome e vice-versa. A relação entre as pessoas do banco e as tomadoras dos serviços é extremamente forte. Quando uma empresa ou uma pessoa física necessita de um empréstimo ou financiamento, o banco disponibiliza funcionários capacitados para acompanhar o caso, para que seja dada a orientação mais precisa e ambas as partes obtenham sucesso.

No ano de 2000, o Kabayan passou a aplicar o sistema de microfinanças baseado no microcrédito do Banco Grameen, concedendo empréstimos a grupos de mulheres com espírito empreendedor. Nesse sistema a previsão é promover

reembolso semanal, acúmulo de poupança e formação de um fundo comum de desenvolvimento.

Após 10 anos da introdução dos serviços de microfinanças, o Banco Kabayan atende a aproximadamente 9.000 clientes para esta condição e já concedeu empréstimos de 9 milhões de dólares por intermédio das microfinanças. Além disso, reuniu 1,7 milhões de dólares de poupança através dos clientes poupadores.

O banco tem por costume acompanhar seus clientes, realizando visitas técnicas a todo o momento, principalmente se uma determinada empresa ou família, tomadoras de microfinanças, estiver passando por alguma crise financeira. O papel do banco está em ajudá-los recuperar o desenvolvimento esperado.

Tamanha proximidade com os clientes, um ponto forte do modelo da EdC, conteve a expansão do Banco Kabayan em Batangas. Visto por um ângulo crítico parece ser uma situação desfavorável para a instituição; mas de fato foi uma descoberta dos profissionais do banco que escolheram, como estratégia, oferecer mais serviços aos clientes que já possuíam, ao contrário de ampliar a rede, não captando mais clientes, como geralmente as empresas fazem.

No caso do Kabayan este sistema tem dado certo. Além da fidelidade dos clientes, o giro de negócios tem crescido nos últimos 10 anos. Atualmente são 16 agências bancárias nas Filipinas, com cerca de 270 funcionários atendendo à população, oferecendo novos produtos como empréstimos para estudo educacional, micro empréstimo para casas e, o mais recente, de microsseguros.

Segundo o artigo de Tereza Ganzon publicado na revista *Ciudad Nueva* de Buenos Aires – Argentina, a principal marca do Banco Kabayan é considerar a pessoa, ou o cliente no centro do objetivo do banco, tratar as pessoas como a parte principal do negócio. Esta atitude tem conquistado o cliente.

### **3.2 - Kabayan adere à EdC e ao Microcrédito**

A história do Banco Kabayan passou pela crise de 1997. Para um banco qualquer crise econômica gera uma apreensão para o futuro da empresa. Isto porque os clientes, são os primeiros a se assustarem com a situação e, de imediato, geralmente, retiram da instituição todo, ou quase, o valor em dinheiro que investiram

seja em serviços, seja em produtos. No caso Kabayan a crise dos anos 90 fora vista como uma ameaça, até porque alguns bancos rurais decretaram falência por não conseguirem se sustentar em meio à situação.

É no momento em que ocorrem os problemas que o empreendedor deve pôr em prática o seu “tino para o negócio”, assim chamado pelos administradores. O Banco Kabayan retratou, durante a crise, este “tino como uma palavra mais profunda. Segundo Tereza Ganzon, a espera de uma resolução estava na provisão que vem de Deus. Com este conceito, o empreendedor tem que ter fé que tudo vai dar certo, tem que confiar, e não ter medo de ousar. Foi o que o Kabayan fez, nesse momento: aprimorou na organização o ideal do projeto da EdC.

“Nós encontramos um compromisso renovado para trabalhar e ganhamos um novo entendimento sobre o modo que o Banco Rural poderia ser gerenciado e como possuía um potencial incrível para beneficiar o bem comum”

A decisão teve por consequência a expansão do banco, deixou de ser apenas uma única agência rural, alcançou também a área urbana e conta atualmente com 16 unidades como já foi citado. Além disso, geraram-se mais empregos para a população, aumentou a cobertura de serviços financeiros e o lucro a ser partilhado na Economia de Comunhão.

Naquele mesmo período Tereza Ganzon ouviu falar do microcrédito do Banco Grameen de Yunus Muhammad. No primeiro momento, o microcrédito foi explorado mais como um programa social pela Fundação Corporativa do Kabayan do que como um produto que pudesse ser agregado à instituição. Seria ilusório entrar num programa de empréstimos, uma vez que precisavam receber quantias em débito, além de ter que oferecer um produto a novos clientes sem garantia alguma para apresentar ao banco, pois esta é a originalidade do microcrédito.

Para surpresa de muitos outros banqueiros, o Kabayan obteve em pouco tempo seu número de clientes aumentado três vezes.

O microcrédito passou a ser um produto padronizado pela instituição, e como resultado satisfatório promoveu a muitas famílias Filipinas uma condição melhor de vida. Algumas pessoas, quando suas rendas foram aumentando, se tornaram empreendedoras, deixando de ser clientes físicos e passando a ser clientes

jurídicos, com a confiança do banco para com o cliente e do cliente para com o banco.

### 3.3 - Uma análise comparativa entre o microcrédito e a EdC

Diante das duas realidades apresentadas no decorrer deste estudo, Microcrédito e EdC, será apresentado a seguir o quadro comparativo para demonstrar que as propostas não são excludentes, pelo contrário até se complementam.

Quadro comparativo

	<b>MICROCREDITO</b>	<b>ECONOMIA DE COMUNHÃO</b>
<b>IDEALIZADOR</b>	M. Yunus professor de Economia, muçulmano.	Chiara Lubich. Fundadora do Movimento dos Focolares. Católica
<b>LUGAR</b>	Bangladesh 1976	Brasil 1991
<b>INTRODUÇÃO SOCIAL</b>	Nas comunidades carentes, através dos bancos.	Nas sociedades, através de empresas.
<b>OCASIÃO DA IDEALIZAÇÃO</b>	Grave carestia	Má distribuição de renda.
<b>OBSERVAÇÃO INICIAL</b>	Pobreza profunda, espalhada, aparentemente sem possibilidade de solução. Preconceito com os pobres. Incapacidade dos que possuem riquezas, de investir em benefício dos pobres.	Desigualdade gritante entre ricos e pobres
<b>A QUEM SE DIRECIONA</b>	Às mulheres pobres e analfabetas, mas generosas em relação ao futuro dos filhos e da casa.	Aos empresários que administram suas empresas sob um novo paradigma econômico: o de "Comunhão".
<b>SOBRE O QUE SE BASEIA</b>	Não se quer dar esmola Fundamenta-se na confiança (regras)	Fundamenta-se nos princípios evangélicos de Fraternidade e Comunhão.
<b>COMO FUNCIONA</b>	Financia pequenos empreendimentos, visando a finalidades sociais e não dão lucro para os acionistas do banco.	Empresas que atuem no mercado com competência e coloquem em comum parte de seus lucros.
<b>CULTURA</b>	Justiça	Gratuidade <sup>5</sup>

<sup>5</sup> Gratuidade (Bruni) "Nós falamos de amor, de gratuidade, de ágape, porque não é tanto 'o que faço', mas sim 'como o faço'. É um estilo de vida":

## Conclusão

A crescente mudança do desenvolvimento econômico, em diversos países do mundo tem passado por reformulações ao longo das décadas, para o crescimento e a independência financeira serem alcançados a todo custo. O capitalismo selvagem e o consumo desenfreado têm provocado em alguns especialistas, estudiosos, empresários, trabalhadores e no próprio cidadão, em meio à globalização, a busca por modelos de inclusão social para que a condição humana não seja sufocada, massacrada, já que é grande o individualismo existente entre as pessoas. A busca está em concentrar as forças para que todos alcancem uma vida digna, num mundo tão caótico, onde os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

Em meio às necessárias mudanças econômicas, surgiram os projetos da Economia de Comunhão na Liberdade e do Microcrédito Bancário de Yunus. Esses partem de realidades concretas e dentro da sociedade procuram desenvolvimentos que modifiquem as rotas da economia, favorecendo a partilha, o bem comum, a relação fraterna. Embora pareçam teorias ingênuas, vão aos poucos, e mesmo com dificuldades, mostrando a possibilidade da introdução destas duas realidades no dia a dia das empresas, ou seja, alcançando o mundo dos negócios. E assim implantar uma nova forma do agir econômico: a partilha e a comunhão pela Edc, e a garantia de os pobres se tornarem independentes economicamente através do Banco Grameen.

Concluimos com este trabalho que tanto o modelo da partilha e da comunhão quanto o microcrédito foram importantíssimos para mudar a estrutura econômica antes promulgada.

A EdC está caminhando a cada dia em seu objetivo; conquista suas vitórias fornecendo melhoria de vida dentro e fora das empresas adeptas do projeto. O trabalho que vem sendo desenvolvido pela EdC é contrário à cultura do ter, que está baseado no individualismo e no acúmulo sem limites. Disseminando a cultura do dar, a EdC tem promovido, num ambiente fortemente capitalista, a formação de “Homens Novos”.

O Microcrédito, por sua vez, tem contribuído de forma significativa na mudança de vida dos pobres de Bangladesh. Mesmo sendo um país que foi totalmente destruído por guerras e catástrofes naturais, possui, hoje, novos conceitos sobre cultura, socialização e a própria economia do país.

Além disso, apresentamos essas duas realidades de forma combinadas que, ajustadas uma à outra, puderam dar certo, como já exemplificado no estudo do caso do Banco Kabayan; sempre concernentes à solução de problemas relacionados com as pessoas pobres.

Por fim, sugerimos que os acadêmicos, pesquisadores, professores, e formuladores de políticas sociais se concentrem mais na busca, no estudo e na implementação de propostas e experiências criativas e inovadoras, que ousam superar pressupostos arraigados no tradicional sistema econômico, para que as pessoas possam desfrutar de uma vida mais digna no meio em que vivem.

## Referências Bibliográficas

AQUINO, R. S. L. de; ALVARENGA, F. J. M. de; FRANCO, D. de A & LOPES, O G.P.C. História das sociedades. Ed. Abril Multimídia. 1995

AVERBUG, André & GIAMBIAGI, Fábio. A Crise Brasileira de 1998/1999- Origens e Consequências. Texto para Discussão nº 77, Rio de Janeiro, 2000.

BROCHURA ECONOMIA DE COMUNHÃO – 20 ANOS DE EDC BRASIL –Centro Filadélfia de Estudos, Pesquisas e Documentação da Economia de Comunhão – Editora Cidade Nova – 2011.

BRUNI, Luigino (Comunhão e as novas palavras) Vargem Grande Paulista-SP. Editora Cidade Nova, 2005.

CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Alcino Pedro & SILVA da, Roberto (Metodologia científica). 6ª edição; São Paulo: Persona Pretice Hall, 2007.

FILGUEIRAS, Luiz. História do Plano Real – Fundamentos, Impactos e Contradições. Biotempo Editorial, 2000.

IORE, José Luís. In memoriam.: MERCADANTE, Aloizio (org.). O Brasil pós-Real: a política econômica em debate. Campinas: IE – Unicamp, 1998.

FRANCO, Gustavo Henrique Barroso. O Plano Real e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 2ª edição. 1995.

GALLAGHER, Jim (uma mulher e sua obra). Vargem Grande Paulista-SP. Editora Cidade Nova, 1998.

<http://academia-ane.blogspot.com/2011/02/pib-ranking-da-economia-mundial-gdp-ppp.html>. Acesso em 25 de novembro 2011.

<http://pt.shvoong.com/society-and-news/news-items/1810211-fordl%C3%A2ndia-sonho-vira-filme/#ixzz1T1ygLPO1> Acesso em 19 de Setembro de 2011.

<http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/bg.html> -pagina da Wikipédia visitada em 21 de outubro de 2011

<http://www.focolare.org/pt/in-dialogo/grandi-religioni/>, R. Estudos de História moderna e contemporânea. Atual Editora. São Paulo. 1988.

LEITE, Kelen Christina (Economia de Comunhão: a construção da reciprocidade nas relações entre capital, trabalho e estado). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. V. II. São Paulo: Edusp, 1974.

Mirandaglobal.com – acessado dia 28 outubro =11h55minh BANCO KABAYAN

MUHAMMAD Yunus (Um mundo sem pobreza) São Paulo. Editora Ática, 2008.

Ostrom, E. *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action* Ostrom, Elinor, Cambridge University Press, 1990

PINTO, Mário Couto Soares (Economia de Comunhão) empresas para um capitalismo transformado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SPIEGEL, Peter - (Muhammad Yunus: o banqueiro dos pobres, sua vida, visão e atuação) Vargem Grande Paulista-SP. Editora Cidade Nova, 2010.

Vídeo “Quem somos” Centro Vita Áudio Visual (Mariápolis Ginetta)

[www.edc-online.org/br](http://www.edc-online.org/br). Acesso em 30 de Outubro de 2011

## Anexo 1

### Entrevista de Luigino Bruni a Revista Cidade Nova

“Sem inclusão, o mercado não funciona”

**ECONOMIA DE COMUNHÃO** Principal pensador da Economia de Comunhão, o economista e professor italiano Luigino Bruni fala nesta entrevista sobre o significado do projeto para a economia mundial, avalia seus primeiros 20 anos de existência e aponta suas futuras perspectivas.

Daniel Fassa

Cidade Nova: Neste mês, a Economia de Comunhão completa 20 anos de vida. Quais são os principais resultados sociais, econômicos e culturais do projeto?

O principal resultado é o fato de que ainda estamos vivos e seguimos adiante, porque 20 anos é muito e haveria todos os motivos do mundo para simplesmente dizer “Esse é um projeto que não funcionou” e desistir, porque a economia é complexa, a realidade mudou muito em 20 anos. Tivemos crises, a globalização se acelerou... Portanto, o fato de que ainda sigamos adiante, que as empresas resistam, que haja entusiasmo e que exista uma corrente de pensamento em torno da EdC parece-me o principal resultado. O projeto está vivo e cresce na história, hoje.

Como resultado específico, o principal e maior impacto que tivemos foi no âmbito cultural. A EdC foi citada e inserida na encíclica *Caritas in Veritate*, do papa Bento XVI. Nos capítulos 3 e 4 da encíclica, quando se fala de gratuidade, de reciprocidade, de dom, é evidente que o paradigma de referência é a EdC. Hoje há muita gente no mundo da economia social – mas não só – que se nutre dessa nova visão, que tem origem na espiritualidade do Movimento dos Focolares, mas que vai muito além dele. A EdC é um patrimônio da Igreja, da humanidade. E, portanto, destina-se a horizontes universais que nos superam.

E no plano econômico, qual o impacto da EdC?

No plano do impacto das empresas na realidade social, do lucro, dos projetos de desenvolvimento, somos ainda muito pequenos, estamos crescendo, há ainda muito a fazer, podemos ser muito mais. Acredito que isso é consequência do fato de que a EdC se restringiu muito ao Movimento dos Focolares. Até poucos anos atrás, era muito difícil que uma pessoa que não fizesse parte do Movimento aderisse à EdC, porque quase não havia distinção entre as duas coisas. Agora que começa a haver uma maior distinção, que os projetos são mais autônomos, muitas outras pessoas estão se aproximando da EdC.

Portanto, eu estou muito satisfeito com o projeto no que diz respeito ao seu impacto no plano das ideias, mas precisamos avançar no plano dos resultados financeiros e numéricos. Estou muito satisfeito também com o patrimônio humano que o projeto acumulou, com tanta gente que acredita e há 20 anos dá a vida por meio da atividade econômica, pelos pobres. De fato, a beleza da EdC é que não é apenas uma iniciativa ocasional, mas sim algo que diz respeito à vida de todos os dias. Portanto, exige muita energia, força e paixão para seguir adiante.

Quais são os principais desafios para o futuro?

Eu vejo que a EdC ainda é uma semente. Hoje nós não vemos a árvore, só a semente. Se a semente não morre, não se transforma, fica sozinha e não serve para nada. Se, ao invés, se transforma, consegue salvar o DNA e se tornar uma árvore onde muitos pássaros podem pousar. É necessária certa morte, apropriada transformação para que as atuais 800 empresas passem a ser 8 mil, 800 mil no futuro, para que todos aqueles que acreditam em uma economia nova possam unir-se a nós. Era esse o anseio de Chiara, ou seja, uma terceira via para todos aqueles que amam uma Economia de Comunhão, um mundo sem pobreza, um mundo mais justo. Nos primeiros 20 anos, conservamos a semente, quisemos garantir que ela fosse boa, que o DNA fosse correto. Agora, os próximos 20 anos serão os da terra, para que possamos ver daqui a outros 20 anos – ou quem sabe até antes – alguns frutos dessa árvore.

O que é mais importante: aumentar o número de pessoas ajudadas ou mudar o modo de fazer economia?

Uma coisa é ligada à outra. Na verdade, se compararmos o número de pobres ajudados hoje como o de dez anos atrás, veremos que atualmente são muito menos. Hoje são mais de três mil pessoas e há dez anos eram oito mil. A EdC nasceu com o objetivo de reduzir a pobreza, mas também com o anseio de construir uma economia nova, o que obviamente requer mais tempo. Creio que as duas coisas são importantes. Não basta reduzir o número de pobres se você não muda a economia, mas também não é suficiente mudar a economia se as empresas não se tornam instrumentos de redução de pobreza.

Quais são as características de um empreendedor EdC?

O empreendedor de comunhão é um inovador, um gerador de riquezas, alguém que encontra modos de produção nos quais quem é ajudado também ajuda, criando relacionamentos de reciprocidade; é alguém humilde, que sabe colocar-se em questão, ser irmão e não somente pai, criar comunidade e gerar as condições para que a empresa siga adiante mesmo na sua ausência; enfim, é um pobre – segundo a pobreza do Evangelho –, alguém que vive a pobreza como escolha, como ideal, porque arrisca tudo, coloca em jogo a própria empresa, experimenta que também ele depende dos outros, e não coloca a própria segurança no dinheiro e no poder, porque só um pobre pode ajudar um pobre.

Recordo-me de um empreendedor do sul da Itália que queria fazer algo de bom pelos encarcerados, porque ele mesmo fora preso durante a adolescência. Visitando a prisão para menores da cidade de Cagliari, constatou que os meninos pintavam um muro para terem ocupação. Aquilo não era um trabalho, era simplesmente um modo de mantê-los calmos e ocupados. Ele então pensa, inova, trabalha até conseguir criar uma lavanderia para empregar os meninos. Esta lavanderia é, hoje, a melhor da cidade. Qual é a ideia de fundo? Se você não faz com que um pobre se sinta útil à empresa, ele será sempre um assistido, não será jamais uma pessoa integrada, autônoma. Você ajuda realmente uma pessoa pobre quando a insere na empresa, quando faz com que ela se sinta útil. Você a ajuda e ela o ajuda, na reciprocidade.

A prioridade da EdC são os jovens empreendedores ou os empresários já consolidados que se sentem vocacionados a aderir ao projeto?

Eu dou prioridade àqueles que começam do zero, porque quando uma empresa já existe é mais difícil mudar sua cultura. Além disso, os jovens são mais generosos, entusiasmados, idealistas; têm mais desejo de colocar-se em questão. Portanto, eu esperaria hoje um maior protagonismo dos jovens em relação ao do passado. É por isso que o Instituto Universitário Sophia (centro universitário do Movimento dos Foclares) é importante, porque forma jovens que podem futuramente tornar-se empreendedores de comunhão, desde o início de sua atividade nesse âmbito. Mas aqueles que já existem também podem aderir, podem mudar suas empresas, entrar no jogo. As duas pernas são necessárias, seja de quem começa do zero, seja de quem já é empresário e adere ao projeto.

Como é a aceitação da EdC no âmbito acadêmico?

A reflexão sobre os valores gerais que permeiam a EdC como a reciprocidade, a gratuidade e a comunhão é mais aceita; já são categorias bem consolidadas na academia. Mas o projeto EdC, especificamente, é menos conhecido, porque aparenta ser uma coisa muito simples para a academia; porque o discurso sobre o projeto está sempre limitado à destinação do lucro. Temos agora o desafio de dar maior dignidade científica ao projeto, desenvolver mais o modelo empresarial, torná-lo mais rico, mais completo. A tripartição dos lucros é como uma célula-tronco, que é a chave, mas deve articular-se, desenvolver-se. E para isso são necessários empenho e criatividade.

Nos últimos anos, além da EdC, nasceram projetos econômicos alternativos, como o Comércio Justo e Solidário e o Microcrédito, por exemplo. O senhor acha que esse fenômeno está indicando alguma tendência para a economia?

Eu acredito que essas experiências indicam que a economia se deu conta de que, sem resolver o problema da exclusão das pessoas no processo econômico, o mercado não funciona. Não podemos imaginar um mercado que deixa pelo caminho 40, 50% da população. A ideia é incluir no sistema econômico quem está fora dele e não somente assistir esses grupos com subsídios. A economia deve ocupar-se dos

pobres e não deixar essa função só para o Estado, porque há sempre o risco do paternalismo, do assistencialismo. Mesmo porque se pode sobreviver com esmolas, mas para viver é necessário produção. Portanto, aquilo que fazem esses três projetos – a EdC no campo da produção, o Comércio Justo e Solidário no campo do consumo, e o Microcrédito no campo da poupança – é levar as pessoas a produzir e não simplesmente a receber ajuda.

E qual é a função do Estado?

O Estado tem um papel enorme de garantidor dos bens públicos para todos; de garantidor de igualdade e de justiça. Ele é fundamental, porém não basta. Para resolver o problema da pobreza são necessários vários níveis de intervenção. É aquilo que a Doutrina Social da Igreja chama de princípio da subsidiariedade. A busca de soluções deve envolver toda a sociedade e começar por ela, e aonde elas não conseguem chegar, entra o Estado. Não o contrário. Uma sociedade complexa como a nossa deve ter mais níveis de intervenção; é policêntrica.

Qual foi a importância do Congresso Pan-africano da EdC, realizado em janeiro deste ano, no Quênia?

O Congresso Pan-africano foi muito importante como uma preparação para as comemorações dos 20 anos, porque nos fez ver quanta necessidade de comunhão existe no mundo, especialmente nos países mais pobres. Impressionou-me muito ver estudantes que, não tendo eletricidade em casa, estudavam à noite sob a luz de lampiões, para poderem se sair bem nos exames.

E quais são suas expectativas para o congresso comemorativo que acontecerá neste mês, no Brasil?

O Congresso comemorativo no Brasil não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida. Estamos preocupados em fazer projetos para os próximos 20 anos. Eu acho que devemos aprender com os testemunhos desse primeiro período para dar início a um novo caminho, ainda mais belo.

## Anexo 2

### Conferência de Teresa Ganzon- Fortaleza, CE.

A prática da Economia de Comunhão e Microcrédito no

Banco Kabayan

Teresa Ganzon - Fortaleza, Ceará, Brasil 30/04/2008.

O conceito de Chiara Lubich de Economia de Comunhão foi uma ideia revolucionária que imediatamente ressoou em nossos corações. Essa ideia transformou nosso modo de olhar nossa empresa. Nós encontramos um compromisso renovado para trabalhar e ganhamos um novo entendimento sobre o modo que o Banco Rural poderia ser gerenciado e como possuía um potencial incrível para beneficiar o bem comum. Nós decidimos aderir a este conceito e, como consequência, desenvolver nossa empresa para além da única agência que havia. Ao fazer isso, nós poderíamos fornecer mais emprego, aumentar nossa cobertura de serviços financeiros e também aumentar o lucro que seria compartilhado na Economia de Comunhão.

Quando nós decidimos expandir nosso Banco Rural, nós percebemos que teríamos dois grandes desafios: precisaríamos de mais conhecimento e de mais capital. Nenhum de nós havia sido treinado para ser administrador de empresas e muito menos banqueiro. Meu marido Francis é um advogado e eu estudei jornalismo. Para transformar nossa empresa e fazer da visão de Chiara uma realidade, nós precisaríamos mais do que apenas boas intenções, entusiasmo e trabalho duro, mas de competência e mais capital.

Felizmente, tínhamos Ancilla, uma consultoria em gerenciamento de empresas que também é uma empresa de Economia de Comunhão, para a qual poderíamos solicitar os instrumentos e treinamentos de que precisávamos. Tão importante quanto, foi a experiência de reciprocidade que fazíamos como duas empresas de Economia de Comunhão trabalhando juntas, reforçando a decisão de cada um em permanecer fiel a esse novo paradigma econômico.

Capital era outro recurso crítico de que precisávamos. Nosso banco tinha sido sempre lucrativo. No entanto, expandir o banco adicionando o número de agências requeria um volume de capital maior.

Neste momento, nossos poucos acionistas nos surpreenderam com o entusiasmo de participar de nossa causa. Um de nossos sócios até nos emprestou dinheiro para aumentar nosso capital, sem demandar uma quota de participação maior no Banco. Nós vimos estes eventos como sinais positivos de que Deus queria que procedêssemos nessa direção.

Nosso banco rural começou 50 anos atrás em 1957. Por quase 35 anos, o banco permaneceu com uma única agência. Em 1991 – desafiados pela ideia de Chiara – nós começamos a expandi-lo em diferentes cidades na província de Batangas. Entre 1991 e 1997, abrimos oito agências.

Também queríamos formalizar nosso compromisso com a comunidade que nós servimos, e promover a cultura do dar entre nossos funcionários e clientes. Em 1996, abrimos uma Fundação Corporativa na qual aplicamos porcentagem da renda da empresa para o financiamento de projetos de desenvolvimento social. Um dos projetos é um programa de bolsas de estudos para ajudar estudantes pobres. Outro projeto é oferecer seminários nas áreas de produção pecuária e tratamento de lixo. Nosso mais novo projeto oferece serviços de desenvolvimento empresarial para nossos clientes de microcrédito, para que eles gerenciem melhor e façam crescer suas empresas.

Gradualmente, a cultura do dar melhorou a vida de nossos colegas. Também influenciou as comunidades que servimos. Em um momento, alguns de nossos funcionários, em suas respectivas cidades, pouparam todo mês uma determinada quantia para começar um fundo de bolsas para mandar duas crianças de um dos funcionários para a escola. Em outro momento, quando a casa de um de nossos clientes se queimou junto com todos seus pertences, matando sua filha, a equipe do Banco Kabayan veio em seu resgate. Eles coletaram roupas, comida e dinheiro para ele. Nosso cliente ficou surpreso e enormemente grato, uma vez que ele não acreditava que um banco poderia envolver-se tanto e ser tão útil.

Depois da Crise Econômica Asiática de 1997, como muitas outras instituições financeiras, nós nos vimos com um volume de negócios bastante reduzido e muitos

de nossos clientes não conseguiram pagar seus empréstimos tornando-se inadimplentes. Graças aos verdadeiros relacionamentos de reciprocidade com nossos clientes, alimentados durante anos, nossa base de depósitos permaneceu estável e isso nos salvou diariamente em termos de liquidez. Mas nós ainda estávamos em situação de calamidade em relação à necessidade de aumentar nossos empréstimos, ou incorreríamos em perdas por alguns anos.

Olhamos para analisarmos algumas opções. Alguns poucos bancos, mesmo com a crise, cresceram através de empréstimos de salários e consumo para professores. Ansiosamente solicitamos aprovação oficial do Departamento de Educação, responsável pelo programa, e nós fomos aprovados. Alguns burocratas buscaram para eles mesmos uma taxa administrativa além da quantia legal. Essa “comissão extra” era uma prática comum na indústria para garantir a coleta. Este tipo de negócio seria bastante atrativo haja vista que não existia quase nenhuma competição na nossa área, dando-nos uma vantagem por sermos pioneiros.

Contudo, sentimos que não poderíamos professar que Deus era nosso sócio silencioso ao mesmo tempo em que fazíamos uso de corrupção. Nós também percebemos que ao invés do nosso objetivo de promover o desenvolvimento de novas empresas, estaríamos reforçando a cultura da inadimplência e consumismo. Nós discutimos esse assunto com outros que tinham a mesma visão e a mesma fé, exatamente como fizemos quando fomos confrontados com decisões mais importantes, nós encontramos a coragem de abandonar esse programa de empréstimos.

Nesse período, ouvimos falar de Microcrédito, pequenos empréstimos oferecidos no valor de US\$50 a US\$3750, sem garantia, para os até então chamados de “sem-banco” ou segmentos de alto risco da população. Estudando o assunto, nós decidimos explorá-lo primeiramente através da nossa Fundação Corporativa, vendo mais como um programa social do que um produto de crédito para o Banco. Neste período em que estávamos sofrendo pela inadimplência de empréstimos com garantia, parecia loucura entrar em um programa de empréstimos sem garantia, sem o conforto do mecanismo de desconto automático em folha de pagamento.

Em apenas dois anos, contudo, o volume que nós tínhamos originalmente alocado no programa de Microcrédito – cerca de US\$3.750 – havia triplicado, e nossos clientes cresceram para 500. Essa situação validada pela experiência de alguns bancos rurais, que foram pioneiros no programa de Microcrédito do tipo Grameen, nos encorajou a converter esse programa em um produto padronizado do banco.

Essa decisão requereu um compromisso sério de nossa parte para com as mudanças fundamentais em muitas áreas operacionais do Banco: contratamos mais pessoas, demos-lhe mais treinamento, especialmente para os funcionários da contabilidade cujo trabalho requer longas horas em campo; designamos novos procedimentos adaptados às pequenas e frequentes transações do programa de Microcrédito; investimos em hardwares e softwares de computadores, principalmente mudando nossa ênfase tradicional nas garantias – um hábito formado em mais de 30 anos de empréstimos bancários rurais.

Com o passar do tempo, uma transformação silenciosa foi tomando lugar no cenário da nossa empresa: através desses microempréstimos, nossa empresa estava aos poucos transformando nossos clientes – os então chamados “sem Banco” que são basicamente pobres e dependentes. Através destes microempréstimos que não requeriam garantias, o Banco estava dando a eles o selo muito importante da confiança, ou melhor, dizendo,

“Nós confiamos a você nosso dinheiro porque você merece nossa confiança”.

E confiança atrai confiança. Esses empréstimos deram a eles confiança para começar uma empresa na própria casa. Quando os negócios cresceram, eles passaram a sustentar a eles mesmos e suas famílias, e ganharam respeito próprio. Enquanto seus negócios se desenvolviam, eles aprenderam a disciplina de pagamento dos empréstimos e gerenciamento de suas rendas. Enquanto suas rendas cresciam, eles aprenderam o valor de poupar e começaram a tomar conta de seus destinos financeiros com as próprias mãos.

Através das reuniões regulares organizadas pelos funcionários da contabilidade, eles aprenderam a ajudar uns aos outros – positivamente através de encorajamento, e negativamente por meio da pressão por conformidade; eles experimentaram o poder da unidade e descobriram que, em unidade, eles tinham

força. Falando uma única língua, eles aprenderam a fazer lobby no governo local em prol de serviços que eles mereciam.

Ao mesmo tempo em que nossos clientes mudaram, eles também mudaram nosso entendimento do negócio. Nós entendemos que, para nossa empresa, o cliente que nós tínhamos o privilégio de servir é o micro e pequeno empreendedor, e que o propósito de nossa empresa é o de oferecer a ele – através dos nossos produtos e serviços – a oportunidade, meios e ferramentas para se tornar produtivo, autossustentável e por último financeiramente independente.

Uma coisa que foi extremamente importante para a nossa empresa, nossa missão, e nossa fé cristã. Nossa experiência em Microcrédito nos deu prova inegável da verdade nos ensinamentos do evangelho: “Dê e lhe será dado.” Nós estávamos mais que felizes de ver que nossa visão inicial fora confirmada e expandida, que, quando uma empresa é transformada a serviço de nossa comunidade, coloca em movimento o processo que cria não somente uma quantia incalculável de benefícios, mas também o mecanismo que, enfim, garante a sobrevivência da própria empresa, seu crescimento e prosperidade.

Ao ajudar, hoje, o cliente “sem-banco” a quebrar o ciclo da pobreza, nós o tornamos capaz de melhorar seu padrão de vida e poder de compra. Quando ele assim o faz, o cliente “sem-banco”, hoje, se torna o cliente do Banco Kabayan amanhã. Torna-se uma imagem da marca do banco na comunidade que ele serve, e isso é a melhor propaganda. Hoje em dia, de fato, isso já está acontecendo, quando os clientes do Banco Kabayan começam a dar retorno e responder, em espécie, ao verdadeiro significado de reciprocidade.

Atualmente, mais de 50 funcionários do banco estão envolvidos na entrega dos serviços de Microcrédito. Os empréstimos de Microcrédito agora servem a mais de 8.000 clientes e cobrem 13% de nosso de empréstimos. Isso significa mais de 2 milhões de dólares sem respaldo de garantias. Uma taxa incrível de 97% dessa quantia é paga em dia e nós temos menos de uma taxa de 1% de perdas.

Incrivelmente, esses 8.000 clientes conseguiram levantar uma poupança de US\$1,5 milhão. Essa experiência marcante deu uma grande felicidade e confiança porque eles descobriram que apesar do tamanho de suas empresas e a sua imagem de pobres, a habilidade de poupar estava ao alcance.

Nós começamos inicialmente com dois programas básicos de Microcrédito. Atualmente, adicionamos três novos produtos, permitindo que nossos clientes peguem emprestando quantias maiores para suas microempresas. Podem pegar empréstimos para a educação de seus filhos. E um projeto-piloto de serviços bancários através do celular em parceria com uma empresa de telecomunicação local. Isso nos permitirá alcançar clientes distantes que agora poderão pagar seus empréstimos por meio de mensagens de celular. Estamos desenvolvendo microempréstimos para habitação e agricultura.

Compartilhando a experiência trouxemos quase 200 outros bancos rurais do país a entrarem em programas de empréstimos em microcrédito, tanto que, hoje, é o setor que oferece microcrédito para o maior número de clientes. Os Bancos Rurais usam sua especialidade em serviços bancários, gerenciamento de risco e baixo custo de mobilização de fundos para alcance social, desenvolvimento sustentável e construção de nossa nação. Ao mesmo tempo os bancos rurais melhoram sua viabilidade como instituições financeiras rurais devido ao lucro saudável desse programa de empréstimos.

O Banco Kabayan mudou bastante desde 1991 quando a visão profética de Chiara Lubich da Economia de Comunhão, primeiramente, nos ateou fogo ardente por mudanças. De apenas uma agência até então, nós crescemos para 12 agências atualmente e estamos a caminho de abrir mais duas agências ainda este ano. De 21 funcionários, nós crescemos para 230. Atualmente o ativo é um milhão e meio de dólares da primeira agência.

Este ano, nós recebemos pelo quinto ano consecutivo, um prêmio nacional por sermos um dos Bancos Rurais com maior destaque em microcrédito nas Filipinas. A fundação para nosso sucesso têm sido sempre os valores que construíram Banco Kabayan como uma empresa. Entre estes valores, podemos destacar três de forma especial: primeiro, nosso compromisso em construir unidade e reciprocidade com todos – clientes, funcionários, fornecedores e sócios – envolvidos na empresa; segundo, nosso compromisso em agirmos de acordo com nossa missão de sermos parceiros no desenvolvimento da área rural; e terceiro, nossa profunda e eterna fé na presença de Deus em nossa instituição e na Providência divina que nos acompanha diariamente em nossa vida como uma empresa da Economia de Comunhão.

Mas os princípios do conceito de Economia de Comunhão de Chiara – um conceito radical – traça suas raízes nos ensinamentos de Cristo e viu sua primeira expressão autêntica na vida dos primeiros cristãos. Os tempos atuais podem ter mudado, mas a relevância e valor desses princípios evangélicos, os quais fortalecem os princípios da Economia de Comunhão, permanecem imutáveis. Como uma bússola, os princípios da Economia de Comunhão atualmente nos guiam precisamente na administração do Banco Kabayan. Além do chamado para compartilhar nossos lucros, a Economia de Comunhão nos mantém focada nas práticas corretas para gerenciamento de nossa empresa no enfrentamento dos desafios atuais. Práticas como processo de decisão ético e busca de consenso, respeito pelos direitos e dignidade das pessoas, proteção do meio ambiente e a construção de relacionamentos recíprocos de longo prazo com todos nossos parceiros. Em tudo isso, nós somos constantemente chamados a renovar nosso compromisso em fazer não apenas o que é correto, mas também o que é a vontade de Deus.

A jornada do Banco Kabayan poderia ter sido mais difícil se não fosse pelo encorajamento de outras empresas da Economia de Comunhão com quem nós compartilhamos nossas visões e experiências. A unidade que construímos juntos será reforçada ainda mais quando desenvolvermos um parque empresarial onde empresas da Economia de Comunhão poderão trabalhar lado a lado, vivendo juntas essas experiências inovadoras. Nessa experiência comunitária que nós compartilhamos com pessoas diferentes, nós encontramos uma forma de consagrar nossa empresa a Deus, para que a última oração de Jesus seja realizada: “Pai, que todos sejam um.”.

Obrigado!

### Anexo 3

#### Entrevista de Breno Valentini - Jornal de Piracicaba-SP

De: Breno Valentini <breno.valentini@gmail.com>

Data: 15 de março de 2011 16h32min

Assunto: Re: matéria Jornal de Piracicaba

Para: Iuri Botão <iuri@jppjournal.com.br>

Qual o período que você ficou em Bangladesh e por quê?

Estive em Bangladesh por dois meses em um estágio internacional, no Grameen Bank, banco de microcrédito vencedor do Nobel da Paz em 2006, pelo meu interesse pela figura de Mohammad Yunus e do mundo dos negócios sociais; então nada melhor do que ir trabalhar onde tudo começou, em Bangladesh.

Como surgiu essa chance?

Há 2 anos atrás, eu conheci a maior organização global de estudantes, a AIESEC, que trabalha com o desenvolvimento de liderança através de intercâmbios profissionais. No meu primeiro ano de organização, comecei desenvolvendo minha liderança, assumindo cargos na diretoria executiva da AIESEC na ESPM, (minha universidade), e logo no ano seguinte fui eleito presidente para o ano de 2010. Ao fim da minha gestão, comecei a procurar oportunidades de intercâmbio pela AIESEC e encontrei na nossa intranet essa vaga no Grameen Bank, que me fez brilhar os olhos e acabei participando do processo.

O que pôde perceber sobre a realidade do país? (As maiores dificuldades deles)

Bangladesh é um país que enfrenta muitas instabilidades. Instabilidade política, pois teve um forte regime militar por décadas e só agora em 2008 teve eleições consideradas as mais democráticas da história do país. Além de uma democracia que engatinha, a corrupção do país já foi a mais elevada do mundo, o que estanca e muito o crescimento do país, atrelado às inundações anuais que afetam muito as produções de arroz, faz do país uma fênix que tem sempre de ressurgir das cinzas. A forte exploração de mão-de-obra é um fator que intensifica

ainda mais a pobreza e nas ruas de Dhaka é possível navegar por um mar infinito de pobres.

O que encontrou de diferenças em relação ao Brasil?

Acredito que a principal diferença esteja quanto à religião. O país tem 90% de população muçulmana, o que influencia a sociedade como um todo. O povo bengali definitivamente não possui a mesma ambição que o povo brasileiro; o pobre se contenta com pouco e não se revolta contra o sistema. É um país muito mais pacífico do que o Brasil. Uma das expressões mais comuns do povo bengali é "*No problem*", "sem problemas". Os estrangeiros estranhavam muito essa postura dos locais, mas não entendiam que no fundo o que é problema para os países desenvolvidos, ou em desenvolvimento como o Brasil, é muito diferente do que é problema para um país como Bangladesh.

O que foi que mais o surpreendeu? (Positivamente)

Penso que fui sem expectativa alguma, imaginando que encontraria um cenário parecido com os países da África subsaariana. O que mais me surpreendeu foi ver que mesmo com restrições muito grandes quanto à produção de tecnologia, o povo bengali é muito sensível ao seu entorno e conseguiu enxergar maneiras muito simples de acabar com a miséria. Muitas vezes, inovar é enxergar o óbvio.

E negativamente?

O trânsito caótico e a poluição nas ruas de Dhaka são fatores bem críticos da experiência. Tínhamos que sair de casa 2h antes do expediente no banco para conseguir chegar, e isso que a distância era pequena. Mas um país com 150 milhões de habitantes e o tamanho do Amapá, tem uma das maiores densidades demográficas do mundo. É o caos! A gente ficava doente toda semana com dores de cabeça, febre. Era muito estressante passar 4h por dia num ambiente daqueles, ainda mais quando tínhamos que viajar nas estradas de Bangladesh, um trecho de 200 km era percorrido em 10h, 12horas.

Como era sua rotina lá? (Tinha contato com as pessoas/lugares?)

Durante a semana tínhamos as atividades no banco, interagíamos muito com os coordenadores do programa e entre nós mesmos. A convivência entre os intercambistas era bastante intensa pelo fato de dividirmos apartamentos entre 10,

15 pessoas, do mundo inteiro, de diferentes backgrounds, o que trazia um ambiente bastante interessante para a casa. As discussões iam até altas horas da noite, todos muito envolvidos com os projetos e tocados pelos fortes contrastes do país. Aos finais de semana costumávamos sair de Dhaka e viajávamos para praias ou plantações de chá. Tentávamos ao máximo fugir daquele caldeirão para tentarmos desestressarmos e encarar novamente a rotina. O grupo de brasileiros era o mais representativo, éramos quase 10 intercambistas dentro mais de 20 no total. Isso tornou a rotina mais leve não só para mim como para todos. Tivemos muita sorte de a embaixada brasileira em Bangladesh ter-nos recebido super bem, e encontrávamos com eles com certa frequência para jantar ou simplesmente para conversar sobre o país e os desafios que estávamos enfrentando.

Como era a relação com as pessoas locais? Elas falam inglês?

Pelo fato de Bangladesh ter feito parte do Paquistão, uma ex-colônia britânica, restaram alguns resquícios de inglês no país. Mas não posso dizer que é amplamente falado. As classes mais baixas não falam quase nada, fica bem restrito às pessoas mais estudadas nas universidades, onde as disciplinas são todas em inglês. Esse é até um diferencial, se compararmos as universidades brasileiras, que têm uma ou outra disciplina em inglês, ou em sua maioria, nenhuma. Isso me surpreendeu bastante.

E no banco, o que exatamente você fazia?

Era um programa mais voltado à aprendizagem sobre o Grameen Bank do que realmente colocar a mão na massa. Durante a primeira semana tivemos uma introdução ao modelo de negócio do banco, fizemos muitas reuniões com os coordenadores do programa, assistimos a muitos vídeos, preparando nos para a segunda semana em que fomos viver em imersão nas vilas bengalis, onde ficam as agências do Grameen, para entender como é o impacto que o banco causa na vida das mulheres tomadoras de empréstimo. Ficamos uma semana sem eletricidade, vivendo com condições bem similares às dos pobres de Bangladesh, visitando suas casas, indo às reuniões dos grupos de tomadores de crédito para realmente entender quais eram as necessidades daquelas mulheres, e gerar análises para o banco a fim de melhorar cada vez mais o modelo. Essa foi uma semana muito intensa, onde pude entender o divisor de águas que o microcrédito pode ser na vida

de milhões de pessoas. Na terceira semana, voltamos para o Head Office para conhecer as empresas-irmãs do grupo Grameen e entender como funcionam os outros negócios sociais. Ao final dessa semana, os intercambistas são encaminhados para trabalhar nas empresas-irmãs, onde produzem relatórios qualitativos e trazem uma visão de fora. Sem vícios, para essas organizações.

Quais as maiores dificuldades que você enfrentou?

A maior dificuldade é a pobreza escancarada na sua frente, as pessoas quase morrendo nas ruas. Nós aqui no Brasil, não sabemos o que é pobreza de verdade.

Já tinha estado fora do país? (Quando e onde?)

Eu havia feito um intercâmbio na Malásia por um ano, em 2005, pelo Rotary.

O que percebeu de diferente entre as experiências?

Sem dúvida, o grau de maturidade. Naquela época eu tinha um olhar muito inocente e pouco curioso. Tinha muitos medos que precisava enfrentar e acabei me fechando muito durante o ano de intercâmbio. Sofri muito calado. Fui bastante reprimido pelas famílias malasianas que têm uma educação bastante rígida. Já em Bangladesh eu já fui com uma independência muito grande que me possibilitou traçar meus próprios caminhos, deu-me forças para enfrentar qualquer problema que eu tivesse pela frente. Eu já fui com objetivos muito claros que eu queria tirar da experiência. O fato de você saber que vai ficar um ano e saber que vai ficar dois meses num lugar muda bastante também a sua atitude. Em Bangladesh eu me joguei muito mais para as coisas, pois sabia que o tempo era curto e tinha que aproveitar ao máximo. Mas, tenho consciência de que a Malásia tem papel fundamental sobre a pessoa que eu sou hoje, sou muito grato à mente global que ela me proporcionou, aos sonhos que vieram comigo quando saí de lá. Bangladesh não teria acontecido se há cinco anos eu não tivesse testado meus limites na Malásia.

O que acha que essa experiência mudou em você?

Não a forma como eu vejo o mundo, mas sim a forma como eu sinto o mundo mudou. Hoje eu sinto que o mundo está muito mais vivo dentro de mim, o meu grau de perceptibilidade aumentou muito. Sinto que tenho uma capacidade intuitiva muito mais aguçada, e nada disso teria sido alcançado, sem observação do povo bengali

que me doou. Um povo que nos ensina muito sobre como se manter centrado internamente, no meio de um ambiente externo caótico.

De volta ao Brasil, o que está fazendo/vai fazer?

Estou me formando em Publicidade na ESPM em São Paulo, agora em julho; portanto meu TCC está pegando fogo! Risos! É, eu tenho que terminar o TCC e estou começando a procurar oportunidades no mercado de trabalho. Quero ter uma forte experiência corporativa agora, que me traga uma visão de negócio, capacidade analítica e me ensine a trabalhar sob pressão. Sei que serão fatores cruciais para que depois no futuro eu venha a trabalhar com o meu próprio negócio e ajude a fomentar o empreendedorismo social no Brasil e no mundo. Não adianta querer mudar a forma como os negócios são, sem conhecer os negócios. Não adianta querer mudar o mundo, sem conhecer o mundo.

Como você vê a vinda do Grameen Bank para o Brasil?

Penso que o Banco sofrerá um processo de 'tropicalização' para implementar suas atividades aqui no Brasil. No Brasil, o mecanismo de controle dos microempréstimos provavelmente terá de ser mais rigoroso e o acompanhamento mais próximo. Aqui não bastará simplesmente dar crédito para uma pessoa comprar uma vaca; exigirá um grau de orientação à utilização desse crédito maior. O brasileiro tem por natureza ambições maiores. Gerir esses sonhos e ambições será um desafio diário; nosso povo é empreendedor, batalhador, quer mais. O principal fator que mantém os grupos de Bangladesh unidos é a disciplina que é legada do Islamismo e do militarismo do país. No Brasil, as reuniões de grupos sofrerão outra dinâmica, a metodologia terá de ser diferente.

O Yunus está sendo duramente perseguido pelo governo bengali e a mídia local. O que está por trás desse enfrentamento?

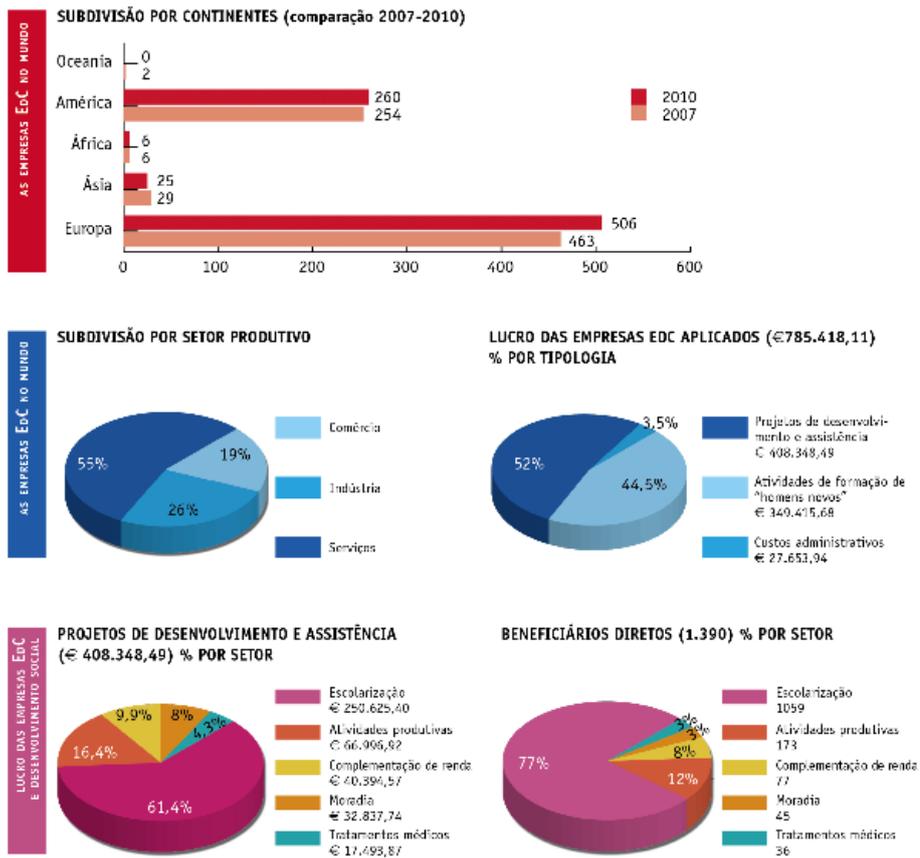
A meu ver ele está sendo frito pelo governo por um propósito muito simples: diminuir a influência política e o "controle" social que o Yunus exerce sobre o país. Um dado que eu sempre gosto de lembrar para ilustrar o impacto do Grameen Bank, o governo bengali promove anualmente 13.000 bolsas de estudo para jovens em universidades de ponta, contra 40.000 que o Grameen Bank fornece. O Yunus é mais do que o diretor de um banco, ele é o bengali mais famoso do mundo e isso causa conflitos políticos. Além do que, há alguns anos atrás ele

tentou iniciar um partido, faltou ter seguido em frente com o projeto, ele poderia ter se tornado primeiro-ministro do país. O governo o acusa de sonegação fiscal, mas as investigações não comprovaram nada. Hoje já mudaram o discurso dizendo que ele ultrapassou a idade permitida para desempenhar cargo de direção em uma instituição financeira. Está claro que existe um conflito de interesses e o papel que ele exerce hoje é importante demais para o governo. Ele é um herói nacional e isso não é visto com bons olhos. É muito triste o que estão fazendo com uma das mais belas histórias de superação da pobreza no mundo.

Breno E. Valentini

## Anexo 4

### Gráficos demonstrativos da EdC no mundo



Projeto/gráfico/design: Lumbudi Tshibamba Bertin

## Anexo 5

### Os Polos da EdC no Mundo



Projeto/gráfico/design: Lumbudi Tshibamba Bertin

## Anexo 6

### Fotos de Chiara Lubich e Polo Spartaco

Chiara no Brasil - Lançamento do Projeto da EdC 29 de maio de 1991



Foto: Centro Santa Clara - audiovisual

Chiara Lubich – Recebendo Prêmio na Índia



Foto: Centro Santa Clara - audiovisual

Chiara e seus pais.



2ª guerra mundial



Chiara e suas primeiras companheiras



Chiara Mesquita Malcolm X-Harlem (Nova York)2007



Chiara e Ginetta Galliani



Maria Voce, atual presidente do Mov. Focolares



Empresas do Polo Spartaco



Polo Spartaco, Cotia SP.



Associação Polo Spartaco: Um espaço de comunhão dos funcionários



Fotos: Associação Polo Spartaco 2009



## Anexo 7

### Fotos do Banco Kabayan

1ª sede do Banco Kabayan, nas Filipinas.



Fotos: Teresa Ganzon

**2011: depois de 20 anos de EDC**  
**16 Agências, 270 funcionários, \$44.33M**



Mapa das agências do Banco Kabayan



Sede atual do Banco Kabayan

## Anexo 8

### Fotos de Yunus Muhammad

Yunus Murammed com as mulheres tomadoras de crédito do Banco Grameen

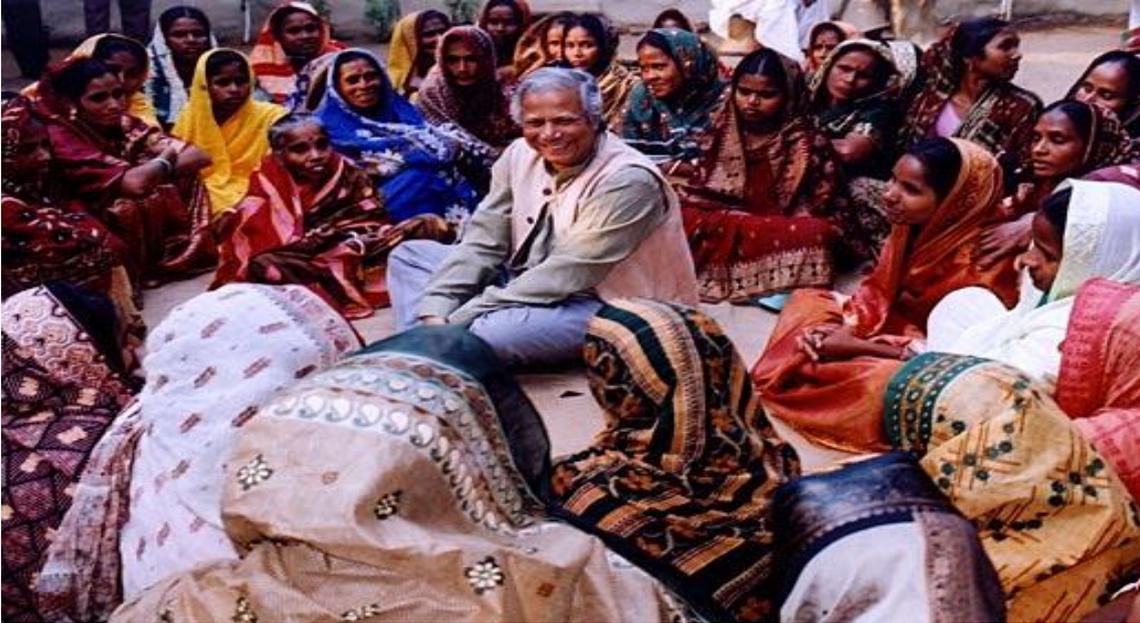


Foto: autogestaoedesenvolvimento.blogspot.com

Presidenta Dilma Rousseff recebe o professor Yunus.



Foto: Roberto Stuckert Filho/PR (Brasilia, DF, 25/05/11)

## Anexo 9

### Fotos do Breno Valentini em Bangladesh

Breno Valentini com Yunus Muhammad em Bangladesch



Foto: Breno Valentini

Breno Valentini-No Banco em Jobra-Bangladesch



Foto: Breno Valentini

Breno Valentini com as mulheres que trabalham com Microcrédito do Banco Grameen



Foto: Breno Valentini

Casa típica dos moradores de Jobra



Foto: Breno Valentini

O interior da casa



Foto: Breno Valentini